



HISTORIA

DAS MULHERES

QUE SE TEM TORNADO CELEBRES POR
SEUS AMORES, GALANTARIAS
FRAQUEZAS, E CAPRICHOS, ETC.

Cela nous coûte si peu, et
leur fait tant de plaisir.



PARIS
AU DE'POT DE LA BIBLIOTHE'QUE RE-
CREATIVE.
1837

MESSALINA.

Messalina era bisneta de Octavia, irmã de Augusto, e filha de Valerius Messalinus Barbartus, e de Emilia Lépida. Nesta familia a lubricidade era de alguma maneira tradicional, pois que Lépida tinha sido accusada pela voz publica de entreter commercio incestuoso com seu irmão! Estava porem reservado a Messalina excêder sua mãe nos prazêres da voluptuosidade. Suas anticipadas disposições para a libertinagem tinham resfriado o ardor daquelles que poderião pertender sua mão. Houve só Claudio seu parente que esgotou n'uma paixão brutal a coragem de arrostar a opinião publica desposando-a!

Este principe que a historia tem com justiça ultrajado, possuía um certo ar de nobreza e dignidade. Sua figura era agigantada. Era bastante encorpado, seus cabellos brancos davão á sue fysionomia um

certo ar de belleza; mas tinha pouca firmeza em seu andar; sua alegria era ignobil, sua colera horrenda, porque babava e espumava ao mesmo tempo. . . . Acrescentai a isto um gaguejar continuo e um tremor de cabeça que se augmentava ao menor movimento.

Claudio esposou Messalina em quintas nupcias. Ella tomou um grande imperio sobre o character fraco deste principe, descobrindo-lhe uma conspiração cuja importancia teve o cuidado de exagerar, depois ligou-se com os libertos que governavam o Imperador, e desde então deu um livre curso ás suas paixões. Era bella e é a isto sobre tudo que se deve attribuir a grande influencia que tinha sobre seu esposo imbecil.

O primeiro uzo que Messalina fez de seu poder foi mandar matar seu sogro Appius Silanus. Não podendo vencêr a resistencia que este oppunha a seus incestuosos desejos; entendeu-se, para d'elle se desfazer, com o liberto Narcizo. Uma manhã este ultimo entrou no quarto do Imperador no momento, em que o mesmo dispertava de um longo somno, em que tinha cabido depois de se ter entregue desenfreadamente e sem prudencia aos prazêres da meza. O liberto gritou, que acabava de vêr em so-

nhos Appius ferindo o seio de Claudio. Ao mesmo tempo Messalina se apresenta e conta ao Imperador um sonho absolutamente igual que tinha tido, dizia ella. Appius que os dois conspiradores tinham chamado a palacio na vespora, se apresenta á porta do quarto. Messalina faz saber que elle queria forçar a porta: Claudio julga vêr nesta circumstancia uma confirmação dos dois sonhos que acabavão de contar-lhe; assim elle ordenou a morte de Silanus. Logo depois Messalina concebeu pelo pantomimo Mnester uma paixão violenta; a estúpida indolencia de seu esposo deixava uma inteira latitude aos seus lubricos furores. Como o comediante desse algumas mostras de humilhar-se sobre o leito imperial, Messalina teve o desaforo de induzir seu marido a ordenar a Mnester de se conformar em tudo ás ordens de sua soberana, longe estava elle de pensar que fazia neste negocio de medianoiro. Para se assegurar da posse exclusiva deste homem que lhe disputava os encantos de Popéa, Messalina que não era capaz de recuzar-se a meios quando se tratava de conseguir seus fins, Messalina dizemos nós accuzou sua rival de adulterio com Valerius Asiaticus e os fez matar. Deste modo conseguiu desfazer-se de uma rival, e apoderar-

se dos magníficos jardins de Luculus que Asiaticus emblesára á custa de grandes despesas.

Foi depois o Consul Silius, um dos mais bellos homens de Roma, que teve de experimentar a humilhação que lhe impoz o vasto amor desta mulher que confundia em seus caprichos todas as classes da sociedade romana. Foi a elle que coube o cargo de apagar sobre os labios da Imperatriz os traços que tinham deixado os osculos de mil amantes plebêos. O amor que ella tinha por este mancebo era tão violento, que ella o constrangeu a repudiar sua mulher Silara, a pezar de seu nascimento. Por este novo amante ella calçou aos pés todas as precauções, parecia tomar prazer em vangloriar-se, desafiava todas as vistas, não hia a casa d'elle senão ornada de toda a pompa imperial, e não deixava nunca sua casa. Este não ousa resistir, Messalina tinha todo o poder; qualquer recusa seria um decreto de morte. Julgou melhor entender-se com ella para enganar Claudio; por outra parte as riquezas, as honras das quaes ella o cercava, o tinham cegado, o perigo estava longe e alem disso não era ella protegida pela somnolenta incuria de Cezar....

Cercado de riquezas, e de escravos, jul-

gava-se já revestido da púrpura imperial; esta grandeza a que não estava acostumado não tardou a enfatua-lo e seu máo genio lhe inspirou um projecto que devia conduzi-lo á sua perda. Propôz a Messalina esposa-la e adoptar seu filho Britannicus. Messalina abraçou com avidéz este novo projecto que lhe prometia fazer adulterio sobre uma nova e mais vasta escalla; ella estava enfraquecida das emoções continuas, e cansada de ser civilmente culpavel, agradou-lhe o projecto de seu amante e.... o que parcerá incrível rezolveu fazer de seu mesmo esposo o cumplice do projecto que contra elle meditava.

Uma tarde, que tinha fartado o Imperador de vinho, e de amor, lhe rogou assignasse um pergaminho que tinha na mão, o que elle fez para se entregar ao somno. Era o contrato de casamento de Silius com Messalina.

Para a celebração deste casamento não se esperava mais do que a partida de Claudio para Ostia. Então aceremonia teve lugar publicamente diante do senado e do povo romano. Messalina aprazeu-se mostrar toda a pompa imperial nesta cerimonia, numerosos convidados assistirão ao festim e conduzirão os esposos ao leito con-

jugal. Depois de ter esgotado até às fezes a taça dos prazeres ordinarios, Messalina resolveu ir buscar ao *Lupanar* emoções de um novo genero. Apenas via que seu marido se achava sepultado no pezado somno que se lhe seguia sempre depois dos excessos da meza, levantava-se docemente e hia procurar pelo meio da noite os asilos da mais vil prostituição: ali com os olhos afogueados, desgrenhada, núa, seu bello seio cingido com uma rede de ouro, a mãe de *Britanicus*, a mulher de *Claudio*, tomava o nome de *Lysisca*, e vendia seus beijos a vinte freguezes de todas as classes, que ella conseguia fatigar nestas lutas impuras. A aurora lhe fazia a custo abandonar a lice, e o combate não cessava senão por falta de combatentes. Todas as suas companheiras dormião esfalfadas, Messalina velava ainda fatigada mas não satisfeita, achando nos inmensos recursos de seu temperamento a força de resistir a todos estes aballos, e a todas estas fadigas.... Era preciso que a dona da casa em pessoa lhe viesse suplicar que sabisse; era preciso que seu escravo a arrastasse raivosa. Então se retirava a passos vagarosos ao palacio de *Claudio*, e toda perfumada das exalações do máo logar, vinha repousar sua cabeça criminosa nos travesseiros dos *Cezares*.

Taes crimes não podião ficar sempre impunes; os libertos que governavão o Imperador começaram a inquietar-se da influencia que ella tinha sobre elle; e sua perda foi decidida. Mas para que não hovesse nada a temer das irresoluções deste principe fraco e estúpido, rezolveram tornar rapida sua condemnação e impedir uma defesa cujos resultados elles previão. Narcizo se encarregou da delação, para isto ganhou a preço de ouro, duas cortezãs que servião aos prazeres do Imperador; uma delias Cleopatra, se lançou aos pés do principe e lhe revelou o casamento de Messalina com Silius; Calpurnia, que estava presente, confirma a narração de sua companheira e entra nos menores detalhes sobre as devassidões da Imperatriz. Ao mesmo tempo entra Narcizo, affecta uma grande reserva confirmando as declarações das duas companheiras, e vendo o effeito que tinhão produzido seus relatorios, tomá animo, e dirigindo-se a Claudio lhe diz. »Silius te roubou tua mulher, ella te repudiou publicamente, o Senado e o Povo Romano forão as testemunas deste casamento, se tu tardas em vingar-te, Roma inteira julgará que lhe cedes o throno, como lhe cedeste Messalina.

Claudio agitou-se a estas ultimas refle-

xões, elle teria afrontado a deshonra, mas elle queria ficar Imperador. Este pensamento reanima por um momento sua inercia, e ordena a morte de Messalina. Nesta occasião ella celebrava nos jardins de Luculus as festas de Bacho, era no outono, os lagares trabalhavão, o vinho corria em chorros. Mais dissoluta que nunca, Messalina vestida de Bachante, com um thyrsos na mão, cabellos cahidos, estava cercada de um grupo de mulheres vestidas de pelles a quaes, celebravão os mysterios de Bacho. Seu amante Silius estava junto della coroadado de rozas, e um côro retumbante fazia retenir o ar com suas canções lascivas. Sabendo da chegada de seu esposo, Messalina ficou possuida de espanto, todavia contava ainda com seu antigo amor. Ella lhe envia seus filhos e os sacerdotes da religião, mas Narcizo tem cuidado de tornar inuteis todas estas tentativas, e vendo que Claudio enfraquecia, resolveo tomar sobre si a responsabilidade do supplicio, Claudio tinha dito: a desgraçada que venha defender-se! Logo Narcizo ordenou a um tribuno que era affeiçãoado a pressasse o supplicio de Messalina. Neste momento conservava-se nos jardins de Luculos onde se entregou, á mais profunda desesperação vendo inutilizados seus esforços. Sua mãe Lépidia, lhe acon-

selha matar-se, a fim de que uma morte corajosa pudesse apagar algumas manchas de sua vida. Ella não ousou; sua alma batida pelo vicio não conservava inercia alguma. Os satellites se apresentaram e vendo que estava perdida, aproximou um punhal ao peito, mas não se atreveo a crava-lo; então o tribuno a ferio com a espada, e deixa seu cadaver a sua mãe Lépidia: Silius foi morto e todos os seus amantes forão proscritos.

Quando se annunciou a Claudio alguns dias depois, que Messalina não existia, não deu mostras de satisfação nem de dôr, nem quiz saber de detalhe algum contentou-se com dizer, que lhe dessem de beber.

CLEOPATRA.

Cleopatra, Rainha do Egipto seria injustamente contada ao numero das mulheres, que se entregão aos transportes de amor por excesso de temperamentos. Similhante nisto ao cavallo selvagem, cujo sangue escandecido pelos raios do sol, e pelos sentimentos vigorosos de sua liberdade, dirige sua carreira além dos dezertos e a travez das montanhas, buscando por toda a parte o perigo como para saciar seu ardor; assim fazem algumas Bachantes, que excedendo os limites da modestia e as exigencias de suas paixões, correm avidamente a prostituir-se ao primeiro que passa. Ainda que de uma natureza ao mesmo tempo sensível e ardente, Cleopatra namorou por ambição; mas como a maior parte das namoradas, acabou por paixão verdadeira. As mulheres que fazem de amor um

meio diplomatico de seducção correm o risco de embriagarem-se logo como acontece nos banquetes onde se bebe o champanhe a pequenos tragos e sempre resistindo. Esta rainha tão poeticamente descarada, cujas aventuras não se podem escutar sem emoção, e á morte da qual se dezeria apellidar com palavras de virtuoso martyr = Era filha de Ptolomeu 11.º (Auléte), o testamento de seu pai a deixou na idade de 17 annos herdeira do throno com seu irmão Ptolomeu 12.º que segundo o costume do Egipto ella devia esposar, mais velha que elle julgou poder sustentar só as redias do governo, mas os Cortezãos que conhecião quanto era vigoroso o braço deste joven principe para encadear suas pertençaes; excitarão contra Cleopatra inimigos poderosos, que a obrigarão a retirar-se para a Syria onde recrutou um exercito para marchar contra seu irmão.

Foi por este tempo, que Ptolomeu mandou matar Pompeu; Cezar ainda que satisfeito de se vêr livre de um tão poderoso inimigo concebeu um odio e um desprezo por este principe. Ptolomeu Auléte tinha nomeado o Povo Romano tutor de seus filhos: Cezar tinha demasiada astucia e ambição para não achar um beneficio envolvendo-se em negocios de outrem, de mais o go-

verno romano tinha sempre obrado assim sua protecção tinha sido uma rede em que apauhava todos aquelles, qua não tinham sido conquistados pelas armas. Cezar se declarou juiz das differenças que existião entre Ptolomeu e Cleopatra; esta princeza se apressou em mandar a Alexandria individuos que a defendessem, mas o ambicioso dictador lhe fez saber, que devia ella mesma comparecer sem perda de tempo. Uma insolencia feita a tempo, é, da parte daquelle que é obrigado a comprilla sem se queixar, uma tranzação favoravel a injustas pertençaes, Cleopatra bem o sentia; mas que tinha ella ganho em se opôr a Cezar, pobre mulherzinha como era? E depois não tinhá ella um exercito á vista que a impedia de arrancar a corôa que tinha tão bem sustentado e com a qual elle se regozijava tão inéptamente? Oh! descancai nella; as mulheres tem inspirações de perfidia, que Deus não desaprova, porque ellas são fracas, e entregues á injustiça dos homens. Cleopatra obterá sua corôa pelo preço de seus encantos, e de suas astucias. Ella resolveu submeter-se ás intimações que lhe fez Cezar, com tudo como temia ser reconhecida entrando na cidade, imaginou um procedimento bizarro, o qual nós consideramos como um dos rasgos mais salientes

de sua fysionomia moral. Ella convidou Apollodoro, um dos criados em que mais se confiava, de a embrulliar em um tapete e levalla assim ás costas á camara de Cezar, este procedimento atrevido ganhou o coração do conquistador: Ainda que dizem alguns escriptores, se devemos dar fé a traducções, que era de uma belleza notavel, e que nella não realçava tanto a perfeição linear de sua figura, como a viva singularidade de sua fysionomia; seu espirito era tão fino como cultivado, falava quazi todas as linguas, reunia os conhecimentos mais desenvolvidos, possuia sobre tudo a arte de captivar: tinha do Oriente um habito de magnificencia que deslumbrava a imaginação, e suas relações constantes com a Grecia tinhão desenvolvido nella os encantos mais penetrantes da linguagem, e das seducções.

Cezar ficou de tal modo captivado que na manhã seguinte, quiz que o principe partilhasse o throno e se reconciasse com ella. Admirado o joven principe de ver Cleopatra no palacio de Cezar, e advinhando os meios de que se servio para seduzir seu juiz, corre á praça publica, e grita, que estava trahido. Excitou com isto uma sedição, que Cezar não pôde socegar senão provando ao povo, que elle tinha

feito executar o testamento de Ptolemeu. Apesar disto o Eunuco Pothim a quem esta acomodação transtornava os projectos, de concerto com Achilles general Egipcio fez avançar em segredo tropas para surprender Cezar, que tinha consigo poucos soldados. Ainda que cercado em seu palacio o dictador soube defender-se nelle até que recebendo socorros da Syria derrotou os Egipcios em um combate, aonde morreu o joven *Ptolomeu* que se afugou no Nilo. Este acontecimento permittio a Cezar coroar Cleopatra sem alguma objecção e lhe fez ao mesmo tempo desposar seu irmão que apenas tinha onze annos: ainda que a custo partio depois para acabar de submeter o resto do partido de *Pompeu*. Cleopatra depois deu á luz um filho a quem deu o nome de Cezarion.

Voltando a Roma, na companhia de seu joven esposo (anno 46 antes de J. C.) Cezar os recebeu em seu palacio. Eis-aqui como o conquistador dos povos se deixou cahir nos laços da prostituição, e destruiu sua gloria pelo prazer de uma mulher, que só lhe mostrava um refalsado amor! Sim de certo o engano era sanguinolento, e esteve para ser fatal ao conquistador. O Povo Romano quiz com razão deixar admitir a mãe e o filho no numero de seus a-

migos ; mas elle se encolorizou logo que vio colocar a estatua de ouro de Cleopatra ao lado da de Venus no templo que tinham irigido a esta deosa. A Rainha do Egipto foi obrigada a voltar a seus estados, talvez com a convicção de que teria podido perder Cezar, se lhe não tivesse sido melhor sua conservação. Pouco tempo depois Ptolomeu tendo chagado a idade de 14 annos ella o fez invenenar para ficar Senhora absoluta do reino ; tal foi a natureza singular desta mulher aturdida até á puerilidade , e severamente criminosa por ambição. Com tudo a morte de Cezar veio acender a guerra civil no imperio. Cleopatra foi acusada de fornecer soccorros a Brutus, e Cacijs, Marco Antonio que partia então para a guerra dos Parthas lhe ordenou de voltar a Cicia para explicar sua conducta ; é assim que Roma tratava seus aliados.

Cleopatra acolheu esta ordem com o sorriso da levianna fatuidade de uma mulher de grande fortuna, que sabe o tempo e astucia que lhe são precisos para suplantar a mais severa virtude. Aqui porem a Rainha do Egipto, vai deixar de fazer o papel de pura galantaria, e principiar uma vida, que para ser mais publica e libertina, não será menos preenchida de emoções de um amor verdadeiro, que não acabará se não por uma

morte heroica. Notemos o navio em que ella embarcou : ornado das mais vivas e risonhas cores, imita pela ligeireza de seus movimentos, os graciosos caprichos de um peixe que reflete na agua as mil lantejolas com que o sol faz reluzir suas escamas, a sua poppa é dourada, um vento ligeiro boleia docemente as lisas pregas das suas vellas de purpura, em quanto Cleopatra ricamente vestida debuxa o voluptuoso realce de seu corpo sobre os coxins de uma rara belleza : meninos garranecidos de rosas se agrupão a seus pés como os amores. Mulheres em traje de Nereidas ostentão as seductoras galas de sua nudez, e conservão-se umas junto do leme, outras junto dos remeiros, a harmonia das flautas e das lyras o perfume dos brazeiros enchião o ar de não sei que sentimento de prazer, que embriaga os sentidos e amolece o coração. E' assim que Cleopatra montava Cydnos para ir visitar o conquistador da Asia. Toda a população se tinha dirigido á praia logo que ella abicou em Tarso, Antonio que dava então audiencia ficou no tribunal com seus ajudantes, e fez convidar Cleopatra a vir encontralo, porem ella escusando-se com as fadigas da viagem, o mandou convidar para um banquete a bordo do seu navio. O severo dictador se deixou enganar dos encantos de Cleopatra, e

o seu espirito assim como os seus olhos foram igualmente fascinados, por uma tão grande efervescencia de fortuna e de luxo. Desde este momento elle perdeu toda a inergia de seu character, e se deixou de cahir de gloria. Renunciando a expedição projectada contra os Parthas seguiu sua real senhora ao Egipto aonde passaram o inverno no meio dos requintes do prazer e no tumulto das festas; mas finalmente a orgia se cança das descripções do palacio, eila desse á rua desgrenhada como uma mulher do povo, e falando a ignobil linguagem das praças. Assim Marco Antonio e Cleopatra se mascaravão para ouvir e provocar nas ruas de Alexandria os propositos da plébe, que acabavão por seu turno de imitar de uma maneira mui singular, por adpuirir reputação de genio. A filha de *Ptolomeu* seguia ainda seu amante á caça jogava com elle os dados, corria os alcouces de toda a especie. Antonio foi em fim forçado a deixar o Egipto e sua amada, que mesmo não deixou de adorar esposando Octavia. Muitos annos depois foi vencido pelos Parthas, Cleopatra foi procura-lo a Fenicia e tomaram juntos o caminho do Egipto, onde se entregaram á mais dissoluta devassidão. Mas apressemonos a chegar á fatal batalha de Acteum:

apenas Cleopatra soffreu o primeiro ataque da frota inimiga, sente-se tomada de susto, faz virar logo de bordo seu navio, e as secenta galeras Egipcias que a acompanhavão imitam o movimento da sua, a esta vista o fraco Marco Antonio se perturba; que lhe importa a victoria? é a sua amante que elle teme perder, alem disso seu braço ja não sabe em punhar a espada; foge com ella, embarcando-se no navio que a conduz; mas apanas ali se acha opprimido de vergonha e de pezar, inclina a cabeça sobre as mãos e fica trez dias sem falar; chegados á Alexandria se embriagá-tão de novo, mas por esta vez procuraram menos o prazer do que a inquietação que este faz sentir, até ali elles se tinham apelidado e seus mesmos amigos lhe davão o epitecto de. = *União de vida inimitavel* = desde então elles substituiram este nome por uma palavra grega que significa = *rezolvidos a morrer juntamente*. Cleopatra tinha concebido o projecto gigantesco de transportar seus navios por terra atravez do Istmo de Suéz até ao golfão arabico onde poderia embarcar-se para a India: alguns navios passaram mas forão logo queimados pelos Arabes. Entretanto Octavia continuava a marchar não achando obstacolo se não em encontrar seus inimigos.

Cleopatra se tinha coberto n'um momento com um vestido de luto que tinha mandado fazer para occultar seus thezouros. Seus criados, tinhão recebido ordem de annunciar sua morte; a esta noticia Antonio desesperado se ferio com sua espada; todavia tendo sabido logo que Cleopatra vivia, fez-se transportar ao tumulo que ella tinha escolhido. A Rainha do Egipto temendo ser sorprendida pelos satellites de Octavia recuzou abrir a porta a seu amante; mas achou meio de intruduzillo com ajuda de cordas que ella e suas criadas deitavão da janella. Cleopatra apertava em seus braços o cadaver de Antonio, quando sentio os soldados de seu inimigo forçar a porta, então receosa de sua formozura, puxou de um punhal e mutilou com elle todo o rosto, como se tivesse querido pôr sua fedelidade a coberto da cruel garantia da fealdade, Na verdade isto é assaz proprio de uma mulher cujo coração está intumecido de amor, quando tem satisfeito seus deveres de amante. Ella cuida nos meios de empedir que a Rainha do Egipto fosse arrastada a Roma preza ao carro triumphal do vencedor; tendo feito trazer um cesto de flores, que occultava um aspide, ella se faz inorder para escapar a affronta que devia impor-lhe o orgulho de Octavia.

MARION DE L'ORME

Marion del'Orme nasceo em Chalon de Champanhe pouco mais ou menos no anno de 1611. Seus parentes erão ricos e ella teria tido de dote, querendo casar, vinte mil escudos. Mas o cazamento tornava-se um cativeiro, para esta natureza lasciva convinha-lhe um solo mais livre a onde podesse a seu gosto expôr seu corpo nú ao sol. Ella correu a París este covil de toda a prostituição; ali qual uma leôa, que se espoja na areia, se põe a urrar de amor.

Marion del'Orme era de uma belleza notavel, seu olhar ao mesmo tempo scintillante e incisivo, parecia penetrar o coração, não tanto por nella se encontrar um sentimento, como para mover uma paixão. Sua figura não tinha, apezar disso, a impudicicia vulgar das prostitutas, antes brilhava nella uma expressão poetica de amor dos sentidos. Sua cintura delicada fazia

realçar todo o seu corpo o qual era tão brando como forte; seus quadris tão bem assentados conhecião-se apesar de seus vestidos; porque ha na nudez de certas mulheres não sei que de lascivo e indocil que se deixa ver aos olhos dos homens; ellas fazem por se cobrir e estão sempre nuas. Com tudo apesar das maneiras vigorozas de sua figura, Marion de Lorme inspirava um ar de franqueza e de bondade picante, e se em sua conversação não tinha estes ditos, estas boas palavras, que abrem os labios por um sorrizo, tinha ao menos a vivacidade do temperamento, e todo o desalinho poético da paixão, isto é o fluxo de uma alma que respira um espasmo de alegria: enfim era em rezumo uma boa mulher, que tinha espirito á força de bom coração. Ella tinha entre os seus namorados oito que ella sinceramente amava. O primeiro dentre elles foi Desbarreaux, depois Rouville, o qual segundo o dito de seus contemporaneos não tinha nada de bom que podesse provocar o capricho de uma mulher; foi por ella que elle se bateu contra Laferté Senectéré.

Sentindo uma ligeira inclinação por Miossens, a quem escreveu dizendo-lhe que queria dormir com elle, Arnoud, Cinq-Mars Chantillon e Brizac, partilharam os

favores do seu amor, que ella vendeu a tantos outros mais ricos de fortuna e pela maior parte melhor favorecidos da natureza. Depois era permittido a todo o mundo ir a Corintho, e ninguem teve por ella um amor desgraçado; ella se teria dado de graça a qualquer pobre diabo, ainda que não pudesse pagar-lhe. Como os grandes senhores nem sempre tinhão dinheiro, ella emprestava sobre penhores suas caricias e seus encantos; e tinha encontrado a especulação tão bôa, que é extraordinario que nunca quizesse dinheiro. ordinariamente tantos marcos de baixella, de diamantes, de colares, de braceletes e de joias de toda a especie era a paga usual offerecida á sua devassidão. O Cardial de Rechilieu, que tinha cortado a nobre e bella cabeça de Cinq-Mars, se fez aceitar por um pequeno anel de ouro que valia vinte mil francos, o qual lhe tinha dado uma duqueza. » Eu olho isto como um verdadeiro trophêo, dizia ella. » Tambem provava ella, que entre as mulheres o amor proprio pôde mais que o mesmo amor. E' uma amarga irrizão que o carrasco vá dormir com a amiga de sua victima.

A cortezã não gostava de augmentar a sua fortuna; despendioza em seus gostos, e rodeando-se de esplendor, fazia tudo com

muita graça e profusão; semelhante nisto a todas as raparigas, que são tão lbucas com suas riquezas como com seus corpos; e de certo isto lhe custa pouco..... Nunca luvas lhe duraram mais de trez horas, e seus aneis os mais preciosos em vinte e quatro horas erão empenhados ou vendidos, quer fôsse para pagar dividas, quer para arranjar dinheiro segundo a opinião de um de seus biographios ella morreu tão bella como nunca na idade de trinta e nove annos, por ter tomado uma grande dose de antímónio com o fim de abortar. A não serem as frequentes pejaduras, diz elle, se conservaria bella até aos cessenta annos. Na molestia, de que morreu, confessou-se dez vezes em menos de trez dias. Pobre mulher! que só cria no amor, e que acabou por crer no inferno,.... Como ó deveria ella sofrer!

Depois da sua morte foi-lhe colocada sobre a cabeça uma corôa de donzella, a que o cura de S. Gervasio achou ridiculo. A palavra sacrilegio não lhe occorreu. Seria por acazo que elle não via se não um requintado gracejo do lado das donzellas? No dia seguinte á sua morte, isto é, em trinta de Junho lia-se no muzeu historico os versos seguistes.

La pauvre Marion de l'Orme
 De si rare et plaisante forme.
 Alaissé ravir ou tombeau
 Son corps si charmant et si beau.

Alguns pertendem que Marion de l'Orme, morreu na idade de oitenta e um annos, outros a tem feito chegar até a idade maravilhosa de 134 annos. Estes são ridiculos; quanto aos primeiros, se explicão da maneira seguinte: a casa de Marion de l'Orme, tinha-se tornado o logar das reuniões dos partidistas de Condé e de Conti: ao tempo da prizão destes dois princepes; ella temeu perder a liberdade, e para escapar aos esbirros da policia concebeu o projecto de se fazer passar por morta, e partio para Londres no dia mesmo do seu pertendido enterro. Na verdade = *A terra lhe foi leve.*

Em Inglaterra espozou um Lord muito rico, o qual lhe deixou cem mil francos por sua morte. Ella voltava para França, quando foi a saltada por um bando de ladrões que a despojáram de tudo, e cujo cheffe a tomou por sua mulher. Pobre Marion de l'Orme! Era muito provavelmente a primeira e ultima vez que se lhe roubava afé conjugal; no fim de quatro

annos os ladrões erão mortos, e ella esposou um procurador fiscal, chamado Lebrun com o qual viveu sete annos; viuva pela terceira vez voltou a Paris bem rezo-luta contra os maridos, porque tinha entã oitenta e um anno. Oitenta e um anno é uma eternidade de expiação para uma mulher, que se lembra de ter sido encantadora. Ao mesmo tempo ella tinha muito ouro, este talisman que adormenta todas as dôres, quando de novo foi roubada por dois de seus domesticos. A desgraçada morreu na desesperação e na miseria.

Estas versões diversas nos tem feito pensar que poderião ter sido inventadas, e que a desgragada Marion de l'Orme tendo gasto sua fortuna e sua mocidade, provavelmente morreu quando agradou a Deus, sem que o mundo della se occupasse.

Eis-aqui por tanto um grande poder que se tem tornado enigma mesmo para seus contemporanéos.

CATHERINA SEGUNDA.

Catherina segunda , nasceu aos vinte e cinco de Abril de 1729 , na casa pouco afortunada de Anhaltzerbst e quasi vassalla do Rei da Prussia ; esta grande Catherina , que depois tanto illustrou seu nome , como se tivesse previsto os altos destinos de sua filha , a Princeza de Anhalt-Zerbst , não esqueceu nada para lhe dar uma larga e desvelada educação e a joven Catherina aos vinte annos conhecia quasi todas as linguas da Europa.

Quando appareceu em São Petersburgo , sua belleza que realçava o brilhantismo da mocidade , fez uma impressão profunda sobre o joven Gran-Duque que tinha adoptado a Imperatriz Elizabeth , e esta afeição

espontanea determinou o casamento da pequena princeza da Alemanha com o poderoso herdeiro do throno moscovita, que Pedro Grande tanto tinha augmentado.

O Real hymenêo foi celebrado; mas logo a indifferença e maistarde a raiva mais violenta viérão substituir o amor. O Grande Duque tinha signaes disformes de bexigas, e além disso tinha uma imperfeição a qual posto que facil de destruir, o tornavão impróprio para as funcções maritae; não era preciso tanto para que a joven princeza recebesse com repugnancia suas caricias impotentes, e para que buscasse em outra parte agradaveis consolações. Não era então difficil a uma mulher nova e formosa, encontrallas na corte de Elizabeth.

Esta impudica soberana dava ella mesma o primeiro exemplo da mais vil intemperança da prostituição, bebia com excesso; era muito sensual mui impaciente, não podia sofrer que a despissem; suas mulheres, fazião sómente alinhavar a grandes pontos seus roupões de manhãa para os poder tirar depois da orgia com alguns golpes de thezoura, depois ellas a levavão á cama, e alli a Imperatiz de todas as Russias não restaurava suas forças senão nos braços de um novo atheleta.

No meio de uma tal côrte, a joven Catharina a quem além d'isto arrebatavão suas propensões naturaes, soube logo achar prazeres mais vivos e mais fecundos do que aquelles da alcova conjugal. Soltikoff-gentil homem camarista e companheiro dos prazeres do Gran-Duque, foi o primeiro que servio as paixões de Chatarina; espirituoso, e bello, seu favor durou muito tempo, e se, como em todas as côrtes, seus inimigos e envejosos não tivessem levantado o véo que cobria os adulterios, este moço camarista teria até ao fim gosado de sua fortuna; mas cahio diante dos embustes do Gran Chancellor Bestuchef; e a Imperatriz Elizabeth esclarecida de sua audacia, o enviou com o titulo de plenipotenciario da Russia para Hamburgo.

Catharina o chorou vivamente, e lhe deixou grandes esperanças para o futuro: até ao dia em que appareceu na côrte de Elizabeth o Conde Stanislão Peniatoski, que mais tarde foi Rei da Polonia, alegre, desembaraçado, dotado de uma bella figura, e cheio de ambição, este moço gentil homem se apoderou facilmente do coração de Catharina e tal foi o amor da Gran Duqueza por este novo valido, que ella não fez misterio algum em suas relações libertinas, e os Russos acuzavão o joven conde pola-

co de ser pai de uma filha que teve Catharina. (1)

O Gran Duque era o unico que não via as desordens de sua mulher , dava-se todo á paixão das manobras e exercicios militares ; com tudo um tal escandalo se não achou acusadores encontrou invejosos , que chegaram a descobrir ao Gran Duque , as intrigas e os amores dissolutos de Catharina. Este novo dezar a fez cahir no desagrado da Imperatriz : mas a astuta princeza , tendo promettido indespor-se com seu amante , Elizabeth lhe tornou logo sua amizade e não lha retirou mais até á sua morte. Esta morte teve logar em 5 de Janeiro de 1762 ; a Imperatriz a apressou pelas devassidões as mais foriosas e sobre tudo pela bebida ; de halde suas damas de honra insistião com ella a deixar os licores fortes ; até á sua morte ella quiz constantemente ter em sua camara uma frasqueira , da qual tinha a chave debaixo da cabeceira.

Elizabeth morreu tendo reinado vinte annos , no meio de dôres de entranhas as mais violentas.

Depois de seus funeráes o novo Imperador foi eleito com o nome de Pedro 3.º ,

(1) Uma filha que teve Catharina com o nome de Anna que morreu ao nascer.

os primeiros dias de seu reinado não foram sem gloria; chamou dezeseite mil dos degradados da Siberia, entre elles Biron, e o Marechal de Munich. Mas logo seus felizes principios derão logar a faltas da primeira ordem; descontentou o exercito por sua idolatria, e pelo sistema militar do Rei da Prussia, e publicamente humilhou a Imperatriz sua mulher, tendo feito assentar sobre seu throno a sua valida, a Condessa de Warouzzoff.

Catharina cheia de ambição, vio que semelhantes faltas, poderão augmentar sua fortuna, e deixar-lhe sem partilha a corôa imperial, assim ella não esqueceu nada para crear partidistas e tornar Pedro 3.^o cada vez mais odioso ao povo, aos cortezaos e ao exercito. Ella o conseguiu, e logo um partidò em seu favor se formou junto do throno e nos regimentos das guardas que fazem a principal força de todas as conspirações. Aquella de Catharina respirou durante a noite, tendo-se envolvido todos na revolta, a Imperatriz se retirou á Igreja de Casan, onde recebeu a corôa imperial sub o nome de Catharina 2.^a Pedro 3.^o consternado, desconhecido por suas tropas, fugio, e mais tarde, depois de ter sido deposto de sua auctoridade soberana, foi estrangulado na sua prizão pelos dois

irmãos Orloff, e alguns outros conjurados.

Catharina livre em fim, e só senhora da corôa, ordenou logo magnificos e esplendidos funerâes, para honrar os restos mortaes do desgraçado Pedro 3.º depois quando julgou ter bem firmado sua authoridade nascente, deu novamente largas á doble paixão de devassidão, e de gloria.

Assim em quanto procurava a amizade das potencias da Europa, que fazia tratados de alliança com Inglaterra, e que favorecia a elevação ao Throno da Polonia de seu antigo amante o Conde de Poniatoski, Catharina se dava com Alexis Orloff dos matadores de Pedro 3.º ás devassidões desconhecidas mesmo nos logares de prostituição; Orloff apelidava-a familiarmente *Katinga*, nome diminutivo de Catharina, e a audacia extraordinaria do assassino se mostrava em publico até no meio da côrte. Elle ousou tudo, até pedir imperiosamente, e como direito adquirido, o lugar sobre o throno do Imperador, que elle tinha estrangulado; mas a soberba e ambiciosa Catharina não estava ainda desembaraçada do neto de Pedro Grande para admittir a partilhar do poder sobre um homem tão baixo e tão obscuro como Orloff; o insolente valído foi pois sacrificado por Catharina, que para não

dar que falar dos grandes serviços deste homem o enviou com uma grande missão para o Archipelago. Na sua volta, o orgulhoso Orloff soube que tinha sido substituído durante a sua ausencia, e quando se apresentou, as portas do palacio lhe foram fechadas; com tudo seu character impetuoso era muito temido da mesma Imperatriz, a qual por não o irritar, e desesperar, lhe deu cem mil rublos em dinheiro; o decreto de uma penção de cento e cinquenta mil, uma magnifica baixella, e uma terra de cinco mil paizanos. Assim consolado em sua desgraça, Orloff consente ausentar-se para São Petersburgo e foi viajar algum tempo pela Europa.

Depois de ter experimentado algum tempo o successor de Orloff nas funções de protegido, a Imperatriz não se contentou delles e o repudiou; sem bulha, e não sem o ter enchido de presentes. O herdeiro destas porrogativas foi um official das guardas, de nascimento mui obscuro, mas homem de talentos raros e de uma grande formozura; Catharina o fez logo seu amante e rei da alcova e das orgias, e maist tarde quando sua paixão voou a outra parte, Potemkin ficou sendo seu dispenseiro e intendente de seus prazeres secretos, o des-

tribuidor das graças e das funcções do patronato.

Emfim é tempo de conhecer, quaes erão os deveres e as distincções dos protegidos de Catharina.

Quando esta princeza tinha feito escolha de um novo valido ella o fazia seu ajudante general de campo, afim de que elle a podesse acompanhar por toda a parte sem que hovesse que criticar; desde logo o protegido occupava no palacio um quarto por cima do da Imperatriz, os quaes se communicavão por uma escada occulta. No primeiro dia da sua installação elle recebia um presente de cem mil rublos, e todos os mezes encontrava doze mil em cima do seu toucador. O Marechal da cõrte era encarregado de lhe conservar uma mesa de vinte e quatro pratos, e fornecêr todas as despesas de sua casa. O valido era obrigado a acompanhar a Imperatriz por toda a parte, não podia sabir do palacio sem sua licença, não se atrevia a falar a outras mulheres, se hia jantar a casa de algum amigo era preciso que a mulher se ausentasse.

Todas as vezes que a Imperatriz dirigia suas vistas sobre algum de seus vassallos para o elevar ao posto de protegido, ella o fazia convidar a jantar por alguma de suas confidentes, a casa de quem ella hia

como por casualidade ; alli falava ao hospede, procurando saber se era digno do alto favor a que o destinava ; quando o juizo que fazia lhe era favoravel, uma visita advertia a confidente, que mais tarde informava o feliz eleito. Este no dia seguinte, recebia a visita do medico da côrte para examinar o estado de sua saude. Na mesma tarde elle acompanhava a Imperatriz á ermida e tomava posse do quarto que lhe estava preparado ; todas estas formalidades começaram na elevação de Potemkim, e depois d'elle forão constantemente observadas.

E' assim que forão alternativamente instaladas as funcções do patronato.

Gregorio Orloff o mais velho dos cinco irmãos ao qual Catharina deu o valor de 17:000:000 de rublos.

Wissenky official das guardas, recebeu 300:000 por dois mezes de favor ;

Wasielitshikoff, Tenente das guardas, a quem vinte e dois mezes de reinado clandestino valeram quasi 11:100:000 ; e vinte outros entre os quaes Zorits, Korvakoff, Lansky, o perferido entre todos ; Yermoloff, Platon, Zoubof, seu irmão Valerien &c. Todos estes protegidos de Catharina foram cheios de riquezas, e a estimação, do que elles tem recebido em terras, paysanos,

pensões, baixellas, aneis, decorações, e presentes de toda a especie, não excedeu a menos de noventa milhões de rublos.

Quando se reflecte em tão faustosas prodigalidades ninguém estranhará que o thezouro do imperio podesse ser sufficiente para as grandes emprezas de Catharina; esta Princeza tinha suas horas de trabalho como horas de descanso e devassidão, no meio dos prazeres achava tempo de engrandecer quasi um terço do Imperio da Russia, abrir a estrada de Constantinopla, de esmagar a Polonia, e de lhe tirar uma parte esperando que a poderia occupar inteiramente, ella teve tempo de cultivar a philozofia, as bellas letras, fundar grandes instituições de artes e de sciencias, de dar um codigo, em uma palavra de transplantar para a côrte da Russia selvagem, a civilisação e o esplendor da côrte de Versailles; é verdade que achou instrumentos dignos de seus grandes designios, e que foi bem servida na paz e na guerra. O velho marechal Munich, Sowaroff, e Potemkim sobre tudo, forão para ella uteis e gloriosos auxiliares, mas a historia não o reconhecerá menos, que esta Princeza que Voltaire chamava a Semirames do norte, era dotada de grandes qualidades e intelligencia,

e de uma vontade de homem de estado, tão forte e séria como esclarecida.

Catharina tinha sido bella na sua mocidade, e no seu declinar conservava graça e magestade. Não era alta; mas elevava a cabeça tanto como lhe parecia; a sua testa era larga e espaçosa, nariz aquilino olhos azues cheios de soberba ainda que fingindo algumas vezes doçura; sua fysionomia era cheia de expressão, mas disfarçava maravilhosamente as emoções da alma, nos ultimos annos de sua vida, para que sua palidez e seus olhos extinctos não annunciasssem pelos estragos do tempo as aproximações da morte; enfeitava-se muito o que fazia dar a seu exterior uma grande força de vida; em fim esta morte tão temida aconteceu aos nove de Novembro de 1796 e a Imperatriz de todas as Russias foi encontrada em um gabinete estendida por terra com os pés contra a porta. Morreu na idade de 65 annos depois de um longo reinado misturado de victorias e de devassidões de gloria e de infamia.

MAINTENON.

Maintenon é de todas as mulheres galantes, aquella que realisou o mais bello sonho da prostituição. De um natural soberbo e ambicioso, ninguem mais do que ella foi embebida de amarguras e de desgostos; sua vida porém deveria ter sido como os rios, cujas margens são lodosas, em quanto correm brandamente sobre um leito de finas areias.

Francisca de Aubigné, neta de Theodoro-Agrippa de Aubigné, nasceu em 1635, nas cadeias de Niort, aonde seu pai Constant de Aubigné estava prezo por ter sido acusado de fabricador de moeda falsa. Contava apenas quatro annos, quando seus parentes resolveram passar á America; duran-

te a viagem foi atacada de uma molestia tão violenta que passou por morta. As desgraças desta criança cada vez a tornavam mais apreciavel aos olhos de Luiz o Grande. O senhor de Aubigné que queria poupar sua mulher dos dolorosos apertos que uma mãe dá sempre ao cadaver de seu filho, tinha dado ordem que a lançassem ao mar. Ter-se-hia podido tomar por uma destas estatuas de marmore branco, que os antigos lançavam ao mar para socegar a tempestade, já um marinheiro se preparava a atirar o tiro de canhão, signal desta ceremonia funebre, quando madama de Aubigné advertida a tempo rasga o lençol, estende sua mão sobre o peito da criança, depois immovel com o corpo inclinado, e por assim dizer, toda attenta a escutar, grita, *o coração bate*, e sua figura ainda pallida parecia refletir como um raio da lua, era a esperança, mas uma esperança temerosa, e com tudo a joven tornou prontamente á vida. Nos bellos dias de sua fortuna e de sua felicidade; madama de Maintenon se aprazia muito de contar esta aventura. Um dia o Bispo de Metz, que era cortezão antes de ser Christão, disse seriamente a este proposito: » madama, eu creio que Deus vos chamou á vida para seus grandes designios; — sim, para esposar o po-

bre Scarron, accrescentou ironicamente madama de Montespan; — em todo o caso, repetio madama de Maintenon com um tom a fazer cessar os gracejos, penso que senão volta de tão longe para pouca cousa. » Esta madama de Aubigné se desgostava já de provocar sua ama, e com razão, porque os cortezãos começavão á lisongia-la, é sem duvida porque estava em graça. Com effeito poucos dias antes o rei tinha dito á sua côrte, no tempo em que devia prégar-se o sermão de quaresma em casa da governante: » madama de Maintenon e o padre La Chaise nos guardão indulgencias. »

Não ha nada mais característico que eu saiba de Luiz 14.º este principe que se chama ainda o grande por um resto de habito, que este dito comprimenteiro dirigido a Maintenon. Na verdade este rei, cuja figura nos parece tão augusta, não era mais que um hypocrita lascivo o que não valeu nem a Luiz 11.º nem a Carlos 9.º

Mas tornemos aos primeiros dias da nova valida que nos parecerá precedida de um ser fantastico, aprazendo-se umas vezes em desembaraçar sua carreira, outras vezes em a tolher. Depois da morte de seu pai madama de Maintenon voltou a Fran-

ca só com a sua mãe sem fortuna , e sem esperança ; ella estava então naquella idade de frescas illusões , em que uma rapariga só cuida de especular sobre seus encantos.

Algumas horas antes de morrer , madama de Aubigné se mostrou desgostosa de deixar sua cara filha entregue aos cuidados de madama Viollet, sua parenta, calvinista zelosa , que não deixou de inicialla nos seus principios. Em fim a religionaria morreu, e sua pupilla coube a madama de Neuillant, sua parenta, em casa de quem entrou na qualidade de mordoma. Esta dama refinada catholica habitava nas immedições de Rochelle; ella empregou todo o poder de sua protecção para levar ao seio de Igreja a joven d'Aubigné. Uma velha beáta me pareceu sempre tão má, que julgo, que uma das boas astucias do diabo para ganhar proselitos seria o prégar Deus como ellas o fazem. Não há abjecção immunda e humiliação domestica a que madama de Neuillant não arraste a joven de Aubigné, era ella que lavava a louça, tratava da criação, fazia todo o trabalho, e era a responsavel viva de toda a casa. Pobre pequena calvinista ! ter-se-he-hia mais facilmente perdoado ser desgraçada do que ser hereje. . . ! Assim a joven se prostituia

com os mais infimos criados, porque se lhe não pedia contas do seu pudor nem do seu nascimento. Não era ella apostolica romana! Por fim ella o foi recebendo o baptismo em Paris onde o poeta Scarron lhe conferio um outro sacramento o do matrimonio. Scarron velho, cambaio impotente e cioso como todos os eunucos, lhe dava com sua moleta á menor desconfiança, alem disto no fundo do seu coração elle a julgava virtuosa e fiel, ainda que a bôa da dama fizesse o serviço de todos os seus amigos; mas tinha muita cautela em occultar. Quando seu esposo impotente convidava seus amigos a jantar, ella se punha na extremidade da meza, não dizendo palavra alguma sem que fosse interrogada e assim mesmo não respondia se não por monossilados; n'uma destas occasiões, Assouley o mais protegido de seus amantes, a quem chamavão o *macaco de Scarron*, posto que fizesse verdadeiramente o que não podia fazer o faceto poeta, disse seriamente, a proposito de uma discussão sobre a virtude das mulheres: « Se me dessem a escolher a rainha ou madama de Scarron, eu não hesitaria em preferir esta. Preso! diz Scarron, a boa mulher que eu tenho ali! » Em fim o aleijado morreu e a viuva bem consolada não teve por he-

rança mais que sua liberdade e 1:500 libras de renda que a rainha dava a seu marido, e a qual lhe continuou.

Pouco tempo depois ella levou esta somma a duas mil. Esta posição precaria não era segura para uma mulher que encontrava por toda a parte alimentos á sua ambição, e dizia a cada discurso, » *Imperatrix minha avó*, » porque ella era da familia dos Courtenay, que se dizião todos principes de sangue, porque um dos antigos desta familia Pedro Courtenay Conde de Auxerre tinha sido Imperador de Constantinopla.

Que a affectação fosse natural ao seu character frio e calculador, quer julgasse que á religião seria mais tarde um salvo conducto á sua prostituição dourada, ella se revestio dos exteriores da virtude, e se prostituio á porta fechada. Escolheu uma casa de apparencia pobre, solicitou a caridade da parochia de Santo Eustaquio, assistia regularmente á missa, ás préces, e a todas as ceremonias religiosas; uma criada por nome Nanon a acompanhava á côrte debaixo do nome de Balbiu. Tornando para casa, madama de Maintenon largava seus vestidos e sua virtude, para vender suas caricias a todos os dissolutos da moda; desta maneira a pobre viuva pôde

augmentar suas despezas, e o luxo do seu toucador lhe abriu a porta aos mais bellos salões: madama de Albret, que amava o vinho e as mulheres, lhe deu logar entre as suas amigas, e não se agastou com ella senão por cauza de sua infidelidade O senhor de Albret, que tambem amava as mulheres, obteve della o pagar-lhe os direitos da hospitalidade; e reconhecendo que era amavel, julgou um dever o servilla; levou-a á côrte por intervenção de madama de Montespan sua parenta que a fez governante dos bastardos do rei.

O rosto de madama de Maintenon era de uma formozura severa; seu olhar subjugava sem soberba, seu porte cheio de nobreza, seu andar magestoso e graciosamente cadenciado, sua voz vibrava tão harmoniosamente, que as couzas mais ordinarias tomavão na sua boca não sei que de atractivo que captivava o espirito, e dava á alma uma doce sensação, o que fazia dizer proverbialmente: „ se presistis em aborrecela não a vejais, e sobre tudo não lhe faleis. „

Quando fez as primeiras entradas na côrte, contrahio o habito de enfeitar-se e perfumar-se exquisitamente; era então o costume das damas daquelle tempo mas nenhuma d'entre ellas o exaggerou como

Maintenon. Luiz 14.º que nem sempre estava de bom humor, se queixava umatarde m'hi amargamente, que todas as damas infectavão seus quartos com um cheiro de almiscar insupportavel, e pedia que aquella que estivesse assim perfumada se retirasse. Todas se escusaram; Maintenon que era a só culpada, dirigio suas vistas ao Abhade Dubois, que comprehendeu o que se lhe queria. O pequeno perceptor deveu a esta circumstancia a fortuna que mais tarde corôou seus planos. — Senhor diz elle ao rei curvando-se, talvez eu tenha tocado alguma preparação chymica de que me ficaria ocheiro. Ah! sois vós pequeno Abhade que estaes perfumado como um *namorado*; sahi ja. No outro dia Dubois recebeu da parte de madama de Maintenon as lúvas perfumadas, que na vespera levava, cheias de peças de ouro e acompanhadas desta carta com a linguagem propria do hotel Rambouillet: „ Vós desteis „ lugar a que eu vos mande estas lúvas „ e os agradecimentos dai-os a vós mesmo. „

Comprarão-lhe depois uma pequena casa donde abrotaram raizes que deram principio á arvore geneoologica de tantas familias, que se dizião nobres e illustres. Quando madama de Montespau começou a sen-

tir as primeiras dôres da maternidade, escrevia-se ao governador dizendo-lhe que ella hia voltar a Versailles. A viuva Scarron recebia então em seus braços o recém-nascido, e com o rosto coberto de uma mascara descia as escadas reaes, metia-se em uma carruagem de aluguel, e conduzia o pequeno filho misterioso a uma pequena casa cujos muros devião não ser devassados por pessoa alguma. Esta mulher tornou-se indispensavel e preciosa por sua discrição, não tinha podido vencer a viva antipathia que lhe tinha o rei. Elle tinha acolhido sempre com desgosto os pedidos, que medama de Montespan tinha feito em seu favor. Um dia que esta valida então mui querida, lhe pediu para sua governante as terras de Maintenon, que estavam á venda: « Oh! sempre esta viuva Scarron diz elle; esta mulher me quebra a cabeça: eu vos concedo o que me pedis, mas com a condição que não me falareis mais della por qualquer motivo que seja. » Eis-aqui o homem do qual ella meditava a conquista, e este homem era um rei que deixando-se levar de suas primeiras impressões jamais tornava em si... Há no labirinto do coração humano um fio, que conduz com segurança aos segredos de seus arcanos. O olho

de Maintenon o tinha penetrado. Luiz 14.^o era *luxurioso e devoto*.

Foi irritando sua lasciva e reprehendendo sua devoção, que ella julgou violarseu coração, e sua antipatia.

Durante a auzencia de madama de Montespan, ella se impunha ao rei, e affectava contar-lhe deta lhes bizzaros: foi assim que lhe disse que tinha por costume lavar o corpo a todas horas do dia; que trazia uma camiza fechada por todos os lados, e dormia sempre vestida. Na Verdade a astucia era destra. Quando exaltou a imaginação do velho, vio bem que elle desejaría ver. Elle o pedio e ella recuzou: Luiz 14.^o ficou admirado de encontrar um obstaculo da parte de uma simples governante. Correu ao encontro da dificuldade, e a primeira molla do estado cahio no logro, que lhe tinhão armado. Maintenon tinha tido o cuidado de culpar Bossuet e o padre La Chaise que não deixaram de representar ao rei a Montespan como uma mulher perigosa que comprometia a sua gloria, e a sua salvação eterna. A defecção foi rapida. Os cortozãos largarão suas palhetas ao romper da aurora. O mesmo Duque do Maine aconselhou sua mãe a auzentar-se da côrte por algum tempo. Apenas ella sahio come-

çou elle a lançar os moveis pela janella, cantando esta canção.

Pars d'ici, pars de là, Catin,
Sans tambour ni trompette.

Todo o mundo sabe qual foi depois o poder de madama de Maintenon que se chamou depois a *Mointenon* como se tivesse querido antever por isto que não devia durar mais senão o que duraram as amigas. Ella tinha melhor julgado do character rei e do poder da ascendencia que tinha adquirido. Recebeu das mãos do Bispo de Paris, a benção nupcial; em um gabinete de Sua Magestade, á noite em presença do padre La Chaise, de Montchevreuil, Torbin, e Bontemps. Ella morreu em 1719, cercada das damas de São Luiz na casa de São Cyro de que era Abbadessa e cuja casa tinha fundado em 1686 em beneficio das filhas nobres, e pobres.

NINON DE LENCLOS

Aнна de Lenclos nasceu em Paris no anno 1615; era filha de Lenclos, gentil homem de Tourraine e de uma dama da familia dos *Abra de Raconis*, conhecida em Orleans.

Na idade de seis annos, Anna de Lenclos se encontrou senhora de si mesmo, sua fortuna não era consideravel, seu pai tinha dissipado uma parte; mas ella regulou seus negocios com tanta ordem e prudencia, que conseguiu ter oito a dez mil libras de renda. Seu amor pela liberdade não lhe permitia pensar em casamento. Comprou uma casa na rua dos Tournelles ao Marais; possuia outra em Piepus, perto de Paris, onde hia passar o outono. Sua despeza era regulada de sorte, que conservava sempre um anno de suas rendas para

estar em estado de soccorrer suas amigas na necessidade.

Anna de Lenclos não foi longo tempo ignorada, desde sua infancia alla era conhecida pelas respostas vivas e engenhosas, que se citavão com gosto. Aos dez annos tinha lido Montaigne e Charron. Depois aprendeu o hispanhol e italiano, o qual entendia e falava maravilhosamente.

Logo que entrou no mundo, conduzio-se com tal espirito e character como se tivesse nelle vivido muitos annos. Sua figura era agigantada e bem proporcionada; uma frescura admiravel dava um novo preço a todos os seus encantos. Seu rosto não deslumbrava podia se com tudo dizer, examinando Anna de Lenclos que era bella. Seus olhos erão cheios de vivacidade e sentimento; a decencia e o prazer nelles disputavão o imperio: seu tom de vóz era doce e interessante; cantava com mais gosto que brilhantismo, e tinha para a dança talentos superiores.

Os cuidados do tocador a occupavão pouco: quantos outros meios não tinha ella para agradar! Trajava nobremente, e como seu gosto era seguro e delicado, sem ser escrava das modas, seus ornatos erão sempre mui bem adquados. Em fim a mais bella alma unida ao mais bello corpo a tor-

nava o objecto da admiração dos homens e da enveja das mulheres.

Anna de Lenclos foi admittida nas melhores sociedades : das quaes ella fez as delicias e o ornamento. Sua formozura lhe deu amantes do mais alto nascimento ; adquirio por seus talentos , seu espirito , e seu caracter , amigos do primeiro merito. Menos ella escrupulizou de ser inconstante e ligeira em amor , mais o foi na leal e verdadeira amizade ; e pode-se dizer que se ella não teve as virtudes do seu sexo , ao menos teve poucos de seus defeitos. Como tinha lido muito e com proveitô , suas leituras tinhão apurado seu espirito e rectificado suas ideias ; mas inda que soubesse muito , teve grande cuidado de occultar sua erudição.

Em o numero daquelles a quem inspirou amor , o primeiro que pareceu mais favorecido , foi o Conde de Coligny. Pintão-no com rosto encantador , com espirito fino e engraçado , com figura muito elegante. Não foi com tudo a estas unicas vantagens que elle deveu a preferencia que obteve sobre seus rivães. Elle tinha merecimentos que o tornavão digno de uma tal mulher. Tanto lhe foi ella essencialmente afeiçoada , e lho provou por todos os cuidados que tomava para lhe fazer abjurar

erros que punhão um obstaculo invencivel ao seu adiantamento e á sua fortuna. Este amor foi vivo mas pouco duradouro.

Era muito preciso que tivesse por esta paixão a veneração daquelles que querem erigila em virtude; ella guardava toda a sua estima para a amizade.

O Duque de Rochefoucaut, Saint Evremont, o Abbade de Châteauneuf, Moliere, e as pessoas do mais distincto merecimento, tinhão uma estima particular por ella. A consideração, de que gosava, tinha sido levada a ponto, que logo que o Gran Conde a encontrava, fazia parar a sua caruagem, e hia comprimentala á portinhola da sua [elle tinha sido seu amante.]

Sem duvida este grande principe não tinha em amor os mesmos talentos como na arte militar; porque um dia que se esforçava para expremir sua paixão, ella gritou: *Ah meu principe como deveis ser forte!* fazia aluzão ao proverbio latino: *Vir pilosus, aut libidinosus, aut fortis.* A estima que conservou sempre por ella lhe fazia tanto mais honra, que este principe, segundo afirma madama de Sevigné, a não concedia facilmente ás mulheres.

Lenclos não se prendia nunca por interesse; seu gosto só a determinava a amar. O famoso Cardial de Richelieu á narração

que lhe fizeram do seu merecimento e de sua formozura, teve dezejos de a ver. O Abade Robert que empregava nesta especie de negociação se encarregou de manejar sua entrevista.

Ella foi a Rueil, casa do cardial. O dezejo de ver de perto um homem que chamava a attenção da Europa, a determinou e não outro motivo. O Cardial não lhe excitou outro sentimento senão o da admiração; a esperança de gozar de mais alto favor fingindo amalla, não a seduzio: nenhuma consideração substituia nella o amor.

O Cardial quiz-se vingar de seus rigores com Marion de l'Orme, amiga de Anna de Lenclos. Esta mulher comparavel á sua amiga pelo espirito, figura, e sua inclinação ao prazer, tinha sabido escuzar, por excellentes qualidades, ás fraquezas de seu coração; mas o cardial encontrou junto della os mesmos obstaculos. Julga-se que apesar de ter todos os talentos, que formão um grande ministro, não tinhã o de agradar ás mulheres.

Foi á mesma Ninon que elle se dirigio por empenhalla em domar tanta crueldade. Ella foi encarregada de lhe offerecer 50:000 escudos os quaes Marion de l'Orme recu-

sou por se conservar fiel ao celebre Desbarreaux, que então amava.

A Rainha Anna de Austria regente do reino, excitada pelos clamores de algumas pessoas sensatas da côrte, tinha dado ordem a Lenclos para se retirar a um convento, deixando-lhe com tudo a escolha daquelle que quizesse tomar para seu retiro. Ella respondeu ao official da guarda que lhe communicou a ordem, que agradecia muito a escolha que lhe deixava, e que escolhia o convento dos *franciscanos*.

Vê-se que Lenclos não estava muito assustada, da colerada rainha.

O Marquez de Villarceau foi de todos os seus amantes aquelle que ella amou mais tempo. Assim tinha elle tudo quanto era preciso para lhe agradar e cativalla. Quanto á sua figura, espirito, e character, elle reunia todas as vantagens, posto que seu gosto dominante para com as mulheres o tornou pouco fiel, e extremamente zeloso. Ninon viveu com elle trez annos em suas terras. Uma vida tão uniforme não era com tudo ainda conveniente ao seu character, e sem duvida o amor a susteve menos do que o receio que ella tinha de voltar a Paris para ser testemunha das desgraças que então affligião a sua patria.

Ella se consolou logo da infidelidade de

Villarceaux. Outro amante lhe succedeu. Não se sabe bem se foi Gouille homem muito conhecido pelo seu espirito quanto amavel pelas qualidades do coração. Foi seu amante no tempo de Fronde e se unio ao partido do Principe de Condé. Obrigado por este motivo a deixar París e afastar-se da côrte, antes de partir quiz tomar algumas medidas para segurar parte de sua fortuna que consistia em dinheiro. Não achando em quem confiar-se determinou entregar metade a Lenclos e a outra a depositou nas mãos do grande Penitenciario conhecido pela austeridade de seus costumes.

Logo que as perturbações que tinham forçado Gorville a ausentar-se, se dissiparam, tornou a París, e se dirigio a casa daquelle que tinha escolhido para depositario de uma parte da sua fortuna. Julgou que Ninon como mulher do mundo não teria deixado de se servir do seu dinheiro: quando pediu seu deposito ao Penitenciario este lhe respondeu com muito sangue frio, que ignorava do que lhe fallava, que na verdade recebia algumas somas para consolações dos pobres mas que logo fazia dellas a sua distribuição. Gourville quiz insistir e queixar-se, elle não se espantou nem da justiça de suas queixas nem de suas ameaças; acabou mes-

mo por se offender de sua temeridade, de sorte que por prudencia foi obrigado a retirar-se. Esta aventura o confirmou em suas suspeitas com Ninon. Estava persuadido que, debaixo de outros pretextos, ella lhe daria a mesma resposta, motivo porque a não procurou. Com tudo ella soube que elle estava em Paris, e o reprehen- deu pela singularidade do seu proceder. Elle tomou isto por uma zombaria e não quiz responder; mas ella insistio de uma maneira que elle não pôde deixar de a vizitar. Tenho repreensões a dar-vos lhe diz ella; sofri grande desgosto durante vossa auzen- çia, eu vos suplico me perdoeis. Gourville não duvidou que esta infelicidade viesse a cahir sobre o seu deposito. Tenho perdido, continuou Ninon, o gosto que tinha por vós; mas não tenho perdido a memoria. Eis-aqui os vinte mil escudos que me confiastes antes de partir: estão fechados na mesma boceta que me entregasteis levai-os e não nos tornemos a ver mais se não como amigos.

Gourville surprehendido e encantado deste procedimento não pôde deixar de lhe contar o que lhe tinha acontecido com o grande Penitenciario. Ninon depois de o ter escutado com attenção lhe disse; meu caro

Gourville, não admiro; eu não sou mais que uma prostituta e não um padre.

Lenclos amava ternamente o Marquês de Châtre e elle estava mesmo perdido de amores por ella; mas no momento em que sua paixão era mais viva, elle recebeu uma ordem da côrte que o obrigava a partir logo para se unir ao exercito. Que golpe para dois amantes felizes! Ella empregou em vão tudo o que mais o terno amor pode suggerir para o assegurar da sua fidelidade durante a sua ausencia: elle a conhecia inconstante e liviana: ella não pôde acalmar suas inquietações nem a sua desconfiança. O ultimo expediente que ella poz em uso foi offercer-lhe um bilhete assignado por sua mão pelo qual se obrigava a não amar outro. Esta promessa o satisfez. Elle accitou o bilhete beijou-o com transporte e partito contente.

Ninon não tardou muito tempo em se entregar a outros amores. Então ella se lembrou do bilhete que tinha dado ao Marquez de Châtre; no momento em que sua infidelidade era menos equívoca, ella gritou muitas vezes nos braços de seu novo amante: *Ah o bilhete que eu dei a Châtre!*

O Conde Estrées e o Abbade d'Effia foram ambos amados por ella, mas elles se

suocederão tão próximos que a paternidade de um filho que ella trazia se tornou incerta, elles a disputaram muito tempo : em fim tirarão sortes para saber a quem pertencia o filho, coube ao conde o qual foi depois marechal de França e Vice-Almirante.

Parecia que todos aquelles que tinham algum merito, deverião a Lenclos a homenagem de seu coração. O Conde de Fiesque que era um dos mais amaveis senhores da còrte, lhe pagou este tributo com mais desvellos que ninguem, ella tomou da sua parte, a paixão mais viva por elle: mas a mulher a mais amavel não pôde lisonjear-se de inspirar um amor eterno: o do Conde de Fiesque se enfraqueceu. Elle não julgou dever dissimula-lo áquella que lho tinha inspirado. Não usando elle mesmo confessai-lho; tomou a resolução de lhe escrever.

Lenclos estava no seu toucador quando recebeu o fatal bilhete: o cuidado de seus cabellos que tinha admiravelmente bellos, a occupavão neste momento; penetrada de uma novidade inesperada, cortou uns poucos deu-os ao criado do conde, e lhe disse: » leva a teu amo e dize-lhe que esta é a minha resposta. »

O conde de Fiesque sentio quanta pai-

xão havia neste procedimento. Voo aos pés de Ninon, procurou fazer-lhe esquecer a dôr que acabava de cauzar-lhe; e lhe jurou um amor mais terno que nunca.

Se Lenelos não tivesse obtido senão a estima dos homens, ter-se hia podido julgar, que o não devia senão ao prestigio de sua belleza. As mesmas mulheres não podião recusar-lhe seus sufragios. Christina Rainha da Suecia que passou á França em 1656 a quiz ver. Mas o elogio que tinha ouvido fazer ao marechal d'Albret e a alguns literatos lhe pareceu muito superior á verdade: ella tomou tanto gosto em seu commercio, que a quiz levar com sigo a Roma; Lenelos se desculpou com todo o reconhecimento e respeito devido a esta princeza. Dahi por diante, Christina falando della a apelidava a *illustre Ninon*. Lembrava-se sempre da maneira com que esta tinha um dia diante de si caracterizado as mulheres, dizendo que erão as *Jancinistas do amor*. Ninon não era moça, quando o Marquez de Sevigné se apaixonou por ella. Seus amores experimentaram bastantes revoluções.

Diz-se que tendo deixado o marquez, Ninon não conservou delle uma idéa muito vantajosa, e que não falava delle com muita estima. Dizia muitas vezes que era um

homem indefinivel, uma alma de assorda, e um corpo de papel molhado; mas é preciso crer que não fazia estes discursos se não quando estava em desharmonia com elle; porque o marquez deu provas na disputa litteraria que teve com Mr. Dacier. A alegria e a finura que nella reinão, annuncião nelle mais esperito e merito que Ninon lhe supunha.

Lenclos não tinha sobre a religião sentimentos muito orthodoxos. Disputava um dia com o padre Dorleans sobre alguns artigos de fé que não lhe parecião faceis de crer. „ Ora bem diz o jesuita, esperando que sejais convencida, offereci sempre a Deus vossa incredulidade.

Não foi com tudo sempre firmemente afferrada aos seus principios. No meio da sua carreira ella se retirou a um convento.

Madama de Saint Evremont que conhecia melhor que ninguem o coração de Ninon, contribuiu muito para lhe fazer deixar um partido tão violento, e renunciar uma vida tão oposta ao seu character e á felicidade de seus amigos. Depois de algum tempo de retiro ella entrou no mundo, e nelle se conduzio como dantes.

As mulheres da primeira destineção não fizeram nunca escrupulo de se ligar com ellas

ella soube sempre alliar seus prazeres com a decencia. Um dia a amarqueza d... lhe apresentou suas filhas que tinham sabido do convento.

Satisfeita de lhe fazer conhecer uma pessoa de tão raro merecimento, ella lhas quiz apresentar; mas Lentlos as reeebeu na escada, abraçou-as com amizade, e disse á mãe: concedei-me que não deixe entrar aqui estas meninas. Ricas e bellas como são, devem pertender maiores partidos, e temerei que ellas não recebam alguma afronta vindo a minha casa. O conde de Choiseuil depois marechal de França foi um de seus amantes; elle não pôde inspirar-lhe outros sentimentos se não os da estima. » E' um digno senhor, dizia ella, mas não inspira um só dezejo de amallo. » Ella gostava então de Pecourt, celebre dançarino. As visitas que este lhe fazia tornaram-se suspeitas ao Conde. Elle o encontrou um dia em sua casa. Pecourt estava com um traje equivoco muito semelhante a um uniforme. Depois de varios propozitos ironicos, o conde lhe proguntou em que corpo servia. Picourt lhe respondeu. Eu commando um corpo onde vós servis á muito tempo. »

Esta resposta confirmou as suspeitas do conde, este se ressentiu, suspirou, e ficou

mais que nunca aferrado a Ninon. Ella se desgostava da sua assiduidade. Com mil excellentes qualidades elle tinha o dezar de enfada-la o que ella não perdoava. Um dia em um movimento de impaciencia ella não pôde deixar de lhe dizer o que Cornelia disse a Cezar

Ah Ceos! quantas virtudes
Vós me fazeis odiar!

O Marquez de Gersai havia sido mais feliz ; tinha tido della um filho que mandou educar com o nome de cavalleiro de Ville-ri, e ao qual tinha tido sempre o cuidado de occultar seu nascimento. Chegado á idade de entrar no mundo, foi introduzido em casa de Ninon, por quem era recebido como todos os outros mancebos do mais elevado nascimento, que vinhão a sua casa aprender o bom gosto, as maneiras, e o tom da boa companhia. Ella não tinha então se não sessenta annos. Sua idade não empedia o cavalleiro de tomar por ella a mais viva pixão : elle a conteve algum tempo ; mas seu amor se tornou muito vivo para ser contido no segredo por mais tempo. Elle a expremio então pela linguagem muda das attentões, os cuidados, e ardor. Ninon estava muito esclarecida para não

compreender o estado do de seu filho: sua ternura para com elle era muito forte, para que ella sinceramente se não affligisse. Fez para moderallo tudo quanto a ternura maternal e a razão poderão inspirar-lhe. Esta resistencia não fez mais que irritar os desejos do cavalleiro, Elle a obrigou a dizer-lhe que se presistisse lhe prohibiria a entrada em sua caza. O temor de a não ver mais lhe fez prometer o não amalla. Era o mesmo amor que ditava este juramento; foi igualmente o amor que o fez quebrantar. Quiz ter com ella uma ultima explicação: o excesso da sua paixão não lhe permitia ficar por mais tempo na incerteza. O tempo em que ella estava na sua casa de campo, lhe pareceu proprio para o seu deznio. Foi alli encontrada, estava só; e lhe falou como um homem desesperado. Ninon internectida de compaixão, penetrada de dor por ser a desgraça de seu filho não teve nesta occasião a firmeza que até então tinha mostrado. O joven Villiers julgou que o instante da sua felicidade era em fim chegado: de palavras passou a obras. Um sentimento de horror fez recuar Ninon, ella se viu obrigada a dizer-lhe que era sua mãe. Pinte-se se é possivel, a sua situação depois desta confissão. O Cavalleiro sahio do quarto com

precipitação. Entranhou-se no bosque que estava no fim do jardim; e alli em um momento de desesperação se atravessou com a sua espada.

Lenclos não vendo apparecer seu filho mandou procura-lo; acharão-no banhado em sangue. Ella vuou em seu soccorro. Que spectaculo para uma mãe terna e sencivel! Elle quiz dirigir-lhe algumas palavras que não pôde articular; as vistas que lhe lançou antes de expirar exprimião ainda a sua paixão; mas a agitação que lhe causarão os cuidados e a presença de sua mãe não fizeram mais que apressar-lhe a morte. A razão e philosophia não tiveram imperio algum no espirito desta mãe desfortunosa. Foi preciso pôr tudo em uso para salvalla da sua propria desesperação. Este successo fez-lhe uma impressão muito profunda, e é nesta ocasião que se pôde dizer que a *Ninon* perdida e ligeira, succedeu *Lenclos estinavel, solida e firme*; e com effeito desde este tempo até á sua morte não se lhe deu mais que este ultimo nome.

Esta especie de reforma em sua vida não destruiu absolutamente a sua inclinação para amar; mas seus gracejos foram menos frequentes e regulados com mais prudencia. O poeta da boa companhia o ce-

lebre Abbade de Chaulieu suspirou por ella, e a'pezar das zombarias que a Duqueza de b....fazia á sua falta de talentos reaes em amor, pode crer-se que não suspirou por ella de balde.

Chapelle, tão conhecido por esta obra prima de boas chocarrices, e doçuras, *son voyage avec Bachaumont*, não foi com ella tão feliz. Elle se vingou della por versos que não fizerão honra nem a seu coração nem a seu espirito.

O Gran Prior de V..., tão mal tratado como Chapelle, imitou sua vingança, deixando este quarteto sobre o toucador de Ninon:

Indigne de mes feux, indigne de mes lar mes,
Je renonce sans paine á tes fables appas:
Mon amour te prêtait des charmes,
Ingrate, que tu n'avais pas.

Ninon respondeu a estes versos com um gracejo que ella fez com as mesmas consoantes

Insensible á tes feux, insensible á tes lar mes,
Je te vois renoncer á mes faibles appas:
Mais si l'amour prête des charmes,
Pour quoi n'en empruntais-tu pas?

Alguns authores olhão seu sufragio como tão importante que empenhãõ tudo para merecello. Mr. de Toureille, da academia franceza não tendo podido obtelo pela sua traducção de Demosthenes, se vingou compondo contra ella alguns epigramas.

Lenclos quiz um dia experimentar em um de seus amantes até que ponto um homem amoroso podia levar sua fraqueza por uma amante que quizesse enganalo. Escolheu para este ensaio um dos mais distinctos por seu nascimento; e em um dos momentos de embriaguez que ella tinha tanta arte de fazer nascer e menejar, exigio delle a promessa de cazamento com a multa de quatro mil luizes. Elle lha teria feito de uma somma ainda maior se ella o tivesse exigido. Algum tempo depois o mesmo homem achando-se no seu toucador, ficou muito espantado de vêr a sua assignatura sobre um dos papelotes que tinhão servido. Elle o desembrulhou, e examinando, vio que era um dos bocados de papel sobre que tinha escripto a multa em que convierão. Ella notou sua surpresa. » Isto vos deve fazer crer, lhe disse ella, o cazo que faço das promessas de jovens a turdidos como vós, e quanto vós vos com-

promettereis com uma mulher capaz de se aproveitar de vossas imprudencias. »

O Barão de Benier, filho do general sueco parente dos reis da Suecia, foi um dos ultimos amantes de Lenclos. Ella tinha quasi 70 annos quando elle se declarou seu amante; mas o que parcerá mais extraordinario ainda, é a paixão que ella inspirou na idade de 80 annos ao Abbade Gedoyn que sahia dos jezuitas. Logo que foi introduzido em sua casa, da admiração que ella lhe causou, passou logo a um sentimento mais terno. Seu amor foi tão vivo e tão poderoso, que despertou no coração de Lenclos os restos desta inclinação dominante que ella tinha para o prazer. Ella rezolveu com tudo contella durante um certo tempo, e prometeu a seu amante fazer por elle o que lhe exegia com tanta paixão; mas accrescentou que o não podia fazer senão em um dia de um tal mez. Debalde elle exegio a explicação da singularidade desta resposta, foi preciso armar-se de paciencia: e tendo chegado o tempo, elle lhe rogou que cumprisse sua palavra: ella a comprio com toda a prohibidade possivel. Então elle a constransgeu a dizer-lhe porque tinha deferido a sua felicidade até este momento.

» Disculpaimè lhe diz ella, este peque-

no movimento de vaidade. Quando comecesteis a exigir provas do meu amor, eu apenas tinha 79 annos e alguns mezes; eu quiz que um dia se dicesse que Ninon aos 80 annos completos, tinha ainda tido boa fortuna, e apenas hontem de tarde os completei: » Era assim que com justiça o Abbade de Chaulieu dizia que o amor se tinha retirado até as rugas da sua testa. O Abbade Gedoyn foi sua ultima paixão; elles acaharam juntos pela boa amizade.

Ainda que a saude de Lenclos se enfraquecesse todos os dias, sua casa não deixava de ser o logar da reunião da boa companhia do seu tempo. » A casa da celebre Ninon, diz um author moderno, era o que a côrte e a cidade tinhão de mais estimavel por seu espirito. As mãis virtuosas procuravão para seus filhos a vantagem de ser admittidos em uma sociedade tão amavel, que era tida como o centro da boa companhia. O Abbade Gedoyn não teve mais que mostrar dezejo para ahi ser admittido, e alli adquirio amigos que se interessavam vivamente na sua reputação e na sua fortuna.

Fontenelle ja conhecido na republica das letras pelas peças que annunciavão grande talento, era admittido nesta sociedade.

Voltaire, ainda criança, foi apresentado a Lenclos; esta o examinou com a maior attenção; e o que faz o elogio de seu discernimento, é que ella parece ter julgado desde logo que seria um dia tal como nós o vemos hoje. Concebeu por elle tanta amizade e agourou tão bem de seus talentos, que lhe legou uma somma para comprar livros.

Lenclos suportava sua molestia com uma paciencia admiravel. Teve no fim de seus dias a attenção de hir á sua parochia as mais vezes que suas forças lhe permittião. Fez uma confissão geral, e recebeu todos os sacramentos com sentimentos de uma verdadeira piedade. Nas approximações da morte nada alterou a serenidade da sua alma; conservou até aos ultimos momentos as doçuras e a liberdade do seu espirito. » Se se podesse crer, dizia ella algumas vezes, como madama de Chevreuse, que morrendo se vai falar no outro mundo com os amigos seria doce o pensalo. » Diz-se que algumas horas antes de morrer não podendo dormir fez este quarteto.

Qu'un vain espoir ne vienne pas s'offrir
 Qui puisse e branler mon courage :
 Jé suis en âge de mourir ,
 Que ferais-je ici davantage ?

Lenclos morreu a 17 de Outubro de 1708, na idade de noventa annos, chorada de todos os amigos. O nome só de seus principaes amigos faz o seu elogio. As pessoas do mais alto nascimento e do primeiro merito honravão se de ser do numero daquelles que ella queria admittir ao seu commercio e á sua amizade.

Lenclos tinha criado maximas que annunciavão a solidez e o acerto do seu espirito. » Quanto as mulhes são dignas de lamentar-se ! dizia ella algumas vezes ; seu proprio sexo é o seu inimigo mais cruel : um marido as tiraniza , um amante as despreza e muitas vezes as deshonna ; observadas por toda a parte , contrariadas sem cessar , sempre em temor e constrangimento , sem apoio sem socorro , ellas tem mil adoradores e não tem um amigo : é preciso admirar se ellas tem máo genio , caprichos dissimulações ? » Tambem dizia ella , que logo que tinha sido capaz de discorrer , tinha examinado qual dos dois sexos tinha mais vantagens , e tendo conhecido que a melhor fortuna não tinha cabido ás mulheres , se tinha tornado homem.

Segundo ella , a formozura sem graça é anzol sem isca. Ella dizia que uma mulher sensata não devia nunca tomar amante sem ouvir seu coração , nem marido sem

consentimento de sua razão. Repetia muitas vezes que era preciso tanto espirito para dirigir o amor como para commandar exercitos. E' depois destas maximas que recomendava ás mulheres adquerissem perfeitamente talentos e cultivassem o seu espirito, » Um vinculo do coração é, dizia ella aquella de todas as peças onde os entreactos são mais longos e os actos mais curtos: e como preencheellos senão com o talento? »

Algumas vezes ouvia-se-lhe dizer a seus amigos, que era preciso fazer provisão de viveres, e não de prazer, que deve ser tomado para o dia da jornada; que era preciso contentar-se cada um com o dia em que se vivia, na manhã seguinte esquecer o dia precedente, e conservar um corpo usado como um corpo agradável; que era de lastimar quando se tinha necessidade de soccorro da religião para se conduzir, isto era uma marca de um espirito bem apoucado, e de um coração corrompido.

Alguem lhe falou um dia sobre a consideração que lhe davão as pessoas da primeira qualidade » Os grandes senhores, respondeu ella, se glorião do merito de seus antepassados, porque não tem outro; os bellos espiritos glorião-se do seu proprio

merito, porque o creem unico; asilgentes de hom senso, de nada se glorião. » Mui-tas vezes ella chamava vaidade, ao escudo de Achilles, ao bastão de um marechal, e á cruz de um bispo.

Lenclos não deixava de ter desgosto dos erros da sua mocidade; n'uma carta que escreveu a Saint Evremont lhe falla assim: » todo o mundo diz que eu tenho menos tempo que ninguem para lamentar-me; de qualquer modo que isto seja se não me tivesse proposto a uma tal vida, eu me teria enforcado. » Ella se encomendava a Deus, e lhe rogava todas as manhãs a preservasse das loucuras do seu coração. » Se eu tivesse assistido ao conselho do creador, dizia ella algumas vezes, quando formou a natureza humana, eu lhe teria aconselhado a pôr as rugas a baixo dos calcanhares. »

O amor não era a seus olhos um sentimento muito respeitavel, mas tinha uma grande veneração pela amizade, até dizer a seus amantes, que elles não tinham rivaes a temer, senão os seus amigos. Mas ainda que ella não julgasse com vantagem do amor, isto não a impedia comtudo de dizer que nada havia tão variado como os prazeres que elle nos procura, inda que sejam sempre os mesmos. Os poetas são lbu-

cos dizia nesta occasião, por ter dado ao filho de Venus um facho, um arco e um carcáz; o poder deste deus não reside se não em sua fxa: em quanto se ama não se reflecte; apenas se reflecte deixa de amar-se. »

Os revezes que os amigos de Lenclos podião experimentar não servião senão de augmentar a sua afeição para com elles. Seu ardor em soccorrellos com seus conselhos, com seu credito, e com sua bolça foi sempre o mesmo. Saint Evremont não foi esquecido em seu desterro. Ella empregou para obter seu perdão, todos aquelles de seus amigos que tinham algum credito junto dos ministros. Mas todos estes esforços não tiveram successo se não quando Evremont, muito velho, não aproveitou seu perdão, e quiz antes, como elle mesmo o dizia ficar com a gente acostumada á sua sotaina.

Lenclos teve sempre por maxima inviolavel não receber nada de seus amantes, nem mesmo de seus amigos. Quando sua velhice e sua má saude vierão multiplicar suas necessidades, Rochefoucault, e muitos outros de seus amigos lhe enviarão presentes, e soccorros considraveis: ella os recuzou sempre. Em uma palavra, se Lenclos tivesse sido homem ninguem lhe po-

deria negar o titulo do mais honesto e mais galante homem que tem havido. Saint Eyremont caretrizou sua alma admiravel por este quarteto.

L'indulgent e sage nature
A formé l'âme de Ninon
De la volupté d'Epicure
Et de lá vertu de Calon.

SOPHIA ARNOULT.

Sophia Arnoult, nasceu em Paris no anno de 1740. Seu pai era um cidadão que tinha uma casa de hospedaria; os meios de sua fortuna não lhe permitião desprezar nada para educação de seus filhos. Sophia tinha recebido da natureza um espirito vivo, um coração terno, uma voz celeste, que captivava a alma; seus olhos são os mais bellos do mundo. Não era preciso tanto para fazer a fortuna da opera. Sophia alli chegou por uma maneira singular. A princeza de Modéne, que fazia sua entrada em Val-de-Grace, ficou encantada de uma voz, que cantava uma lição de trevas. As grandes senhoras vão então aos mosteiros durante a semana santa, fazer penitencia dos peccados que tinhão comet-

tido no carnaval. A salvação da princeza causou a perdição de Sophia; mas Deus tem graças para todos, depois disto a boa cidadoa tornou-se uma boa filha.... em quanto a mim penso que a felicidade que nos vem das mulheres é uma vantagem que Deus nos envia; é a parcella de ouro que adormece o infeliz, e o mais horrivel dos credores. O inevitavel intendente da plebe, achou meios de falar á joven virtuosa, e apesar de sua mãe, fazella entrar na musica do rei. Era o caminho honesto para entrar na scena; uma ordem de entroito verificou logo a profecia de madama de Pompadour, que ahi se conhecia, e que disse depois de ter visto e ouvido Sophia: » acolá ha de que fazer uma princeza. » Arnoult justificou este prognostico da valida e o eclipsou sobre um theatro não menos tormentoso que a corte. Dizia-se então: » as damas do theatro Francez, as donzellás do theatro Italianno e as filhas da opera. » E' verdade que se dizia tambem: as damas da praça publica. »

Sophia se elevou em pouco tempo, pela belleza de seu canto, por um sentimento exquisito, pela graça e vivacidade de seu espirito, e pelo brilhantismo de seus amores, á dignidade de rainha da opera. Ella achou meios de ter os interesses de uma

rapariga, os successos de uma grande actriz, e a reputação de uma mulher de espirito; ella dispendia com igual profusão sua mocidade, seus transportes, e as larguezas de seus amantes. Um nobre zelo que durou sempre, e algumas brilhantes infedilidades, derão a esta rapariga celebre, amantes distinctos, e a melhor sociedade de Paris em homens. Sua casa fazia lembrar muitas vezes a de Ninon, era frequentada pelos grandes senhores e pelos homens celebres D'Alembert, Diderot, Helvetius, Mably, Duclos, I. I. Rousseau ali renovavão os intretimentos dos philosophos em casa de Aspasia. Sophia foi cantada por Durat, Bernard, Rhulieres, Marmontel, Favart, e todos os bellos espiritos do tempo. As boas palavras de Arnoult lhe sobreviverão, tem-se tido a injustiça de fazer dellas uma collecção; precisa-se escolhiellas. Uma de suas amigas se lamentava diante della de tocar os trinta annos, ainda que tivesse mais; » consolate, lhe diz ella de te afastares delles todos os dias. » Um nescio para a mortificar lhe dizia: » hoje o espirito corre pelas ruas. » Ab! senhor, diz Sophia, isto é um boato que os tolões fazem espalhar. » Um dia ella encontrou nos bosques de Bolonha, a seu medico que hia ver um doente com uma es-

plhguarda debaixo do braço. „ Doutor ,
 lhe gritou ella , parece que tendes medo
 de fallar-lhe. Uma grande dama dizia ao
 pé della , no espectáculo : „ deveria mui-
 to distinguir-se as mulheres honestas por
 signaes honrosos. „ Senhora , lhe diz Ar-
 noult , para que quereis pôr as raparigas
 no caso de as contar ? „ E tomando um
 rasgo de prodigalidade , ella exclamou : „
 quando se possui ouro em demazia , por-
 que se não vende a felicidade ? Logo que
 o divorcio se estabeleceu , sua filha o apro-
 veitou ; Arnoult censurou sua conducta e
 lhe disse. „ O divorcio é o sacramento do
 adulterio. „ Uma dama que não era senão
 agradavel se queixava de ser importunada
 da multidão de seus amantes : „ Ah ! minha
 cara , lhe diz Arnoult , é-vos facil afasta-los ;
 basta que faleis. „ Em uma época , em que
 um homem de qualidade , muito rico , era
 seu amante em titulo , a surprehendeu ca-
 ra-a-cara com um cavalleiro de Malta , e
 quiz enfadar-se apezar de ser muito conhe-
 cido por sua ligeiresa e sua inconstancia.
 „ Vosso procedimento é injusto ; diz Ar-
 noult , o senhor cumprio seu voto de cava-
 lleiro de Malta ; alle fez a guerra aos in-
 fieis. „ Uma cantora assaz mediocre e que
 tinha uma voz e inflexões triviaes e popu-
 lares , foi um dia mal acolhida no papel de

Clitemnestra : » é admiravel, diz Arnault, ella tem a voz do povo. » Tendo comprado, em os primeiros annos da revolução, para arranjar de novo sua casa de campo, o pequeno presbiterio de Luzarche, mandou pôr sobre a porta da entrada : » *ite missa est.* » Ella dirigia a um individuo que lhe mostrava uma caixa sobre a qual a lisonja unia ao retrato de Sully, o do ministro Choiseuil : » é a receita e a despesa ; » acrescentai que cada um destes ditos tão finamente aguçados de mordacidade erão expremidos pela mais graciosa e pequena boca ; enquanto um sorriso se hia occultar no canto de seus labios, como se vê em certa gravura, amor correndo a esconder-se em um bosque de rozas depois de ter offendido Venus. Tambem não teve jamais inimigos, e qualquer que fosse seu esforço a tornar-se espirituosa, não quiz sacrificar a susceptibilidade daquelles que ella estimava, ao praser de dizer um bom dito. Por natureza boa ella soube fazer do amor uma obra boa ; quando lhe vinham offerecer um coração sem dinheiro, mas um coração generoso e amante, aceitava-o dizendo que não queria fazer martyres entre seus adoradores. No dia de seus grandes favores, amor a vinha ver com uma cornucopia sobre as espadas, mas nos dias meno-

tes trazia um carcaz. Como lhe criticassem suas fraquezas de sentimento que a inclinavão a favorecer mancebos sem dinheiro, oh! meu Deus disse ella, isto custa-nos tão pouco, e nos dá tanto prazer! Outra vez que um homem de qualidade lhe offerencia muito dinheiro com a condição de ser-lhe fiel; » quizesse Deus! diz ella, mas um pobre ratinho que não tem senão um boraco é logo agarrado!» Sophia não era menos boa actriz do que perfeita cantora: sua alma tão cheia de ternura se abria até as emoções facticias de seu papel: ella tinha lagrimas para a scena e para a alcova. Algumas horas antes da sua morte, que teve logar em 1809, o Cura de S. Germano de Auxerrois tendo-lhe administrado os sacramentos, senhor padre, lhe diz ella, eu serei como Maria Magdalena; muitos peccados me serão perdoados porque tenho amado muito.

MADAMA DE POMPADOUR

O Delfim acabava de esposar uma princeza hespanhola (fevereiro 1745.) Apesar dos tributos que a guerra tinha até então feito pezar sobre o Estado, foi preciso que a publica alegria se mostrasse por regozijos que contrastavão com a situação em que se achava o reino. A capital se distinguio nesta occasião. Houve na casa da camara da cidade um baile de mascaras que os novos esposos e o rei honraram com sua presença. No enxame de formosuras que alli se achavão reunidas, e que rivalizavão em graças e a tractivos, os desejos de Luiz 15 erravão de uma a outra parte sem encontrar onde fixar-se, quando um mascara se chegou a elle. Algumas palavras são proferidas, uma provocadora inconstancia, respostas vivas e espirituosas excitão a curiosidade do rei; cede-se ás suas importunidades, descobrem-lhe traços que Luiz se

lembra ter visto n'outra parte, mas cujo effeito não é nem menos prompto nem menos seguro, e logo o regeitão na multidão, de maneira a não poder escapar ás vistas apaixonadas do principe: Não obstante fugindo deixou cabir o lenço que o galante monarca se apressou de levantar, e não podendo chegar até á pessoa a quem elle pertencia, lho arremessa com toda a graça e toda a politica possível; um murmuro confuso se faz ouvir na sala: *o lenço é arremecado!* elle o era com effeito, e o triumpho de madama Etioles desesperou uma multidão de rivaes, que todas aspiravão substituir madama de Chateauroux.

Madama Etioles depois marquezã de Pompadour, nascida em 1722, em lá Ferté-sous-Jouarre, era filha de um senhor Poisson, que, se dermos credito a Voltaire, tinha junto algum dinheiro vendendo trigo aos empreiteiros de viveres: lê-se tambem em muitas obras do tempo, que Poisson era carniceiro dos invallidos, circumstancia esta que a valida sua irmã e seus amigos tem prucurado dissimular. Como quer seja, máus negocios obrigárão-no a fugir e a abandonar sua mulher e sua filha.

Lenormand de Tournhem, rendeiro geral, veio em soccôro destas damas. An-

tigo amante de madama Poisson se considerava não sem razão talvez, como pai da pequena Antoniette a qual fez dar uma brilhante educação, muzica, dança, desenho, gravura sobre cobre e sobre pedra, ella aprendeu tudo, e inspirou a seu protector um tão vivo zello, que lhe fez esposar o seu proprio sobrinho Lenormand de Etioles a quem segurou toda a sua fortuna dando-lhe mesmo uma parte adiantada.

Quem poderia julgar que uma aliança tão vantajosa não deveria satisfazer a ambição de madama Poisson? com tudo esta mulher, cuja immoralidade era publica tinha concebido uma outra esperança, e não descançou em quanto a não vio realizada. Depois de ter por longo tempo especulado sobre seus proprios encantos, ella tinha contado com es da sua filha; e á força de dizer-lhe que era *um bocado do rei*, estava prevenida de a tornar amante do monarcha. » Madama de Etioles, diz Voltaire, me confessava que tinha tido sempre um secreto presentimento que seria amada do rei, e que sentia por elle uma violenta inclinação, sem indagala muito. » Estas duas mulheres proseguiram seu dezignio com uma rara preseverança. Etioles não faltava a uma só das

caçadas reais nos bosques de Senart, onde Fournehem possuía um magnífico pavilhão. Todas as vezes ella se apresentava aos olhos do rei com uma equipagem de uma ligeireza notavel; com um traje sempre novo e sempre proprio a afuntrar algum brilliantismo aos encantos que podião facilmente abster-se dos soccorros da arte. Ella devia finalmente ser notada; ella o foi: mas atrahio igualmente a attenção de madama de Chateauroux; que se teve sempre em guarda contra estas inquietadoras manobras, e que as soube tornar vãs. A morte prematura da duqueza deixou o campo livre a Etioles.

Nesta occasião, Binet, seu parente, criado da camara do rei, a servio perfeitamente. Com tudo ella não era de uma ordem a poder impor condições, como madama de Chateauroux; ella foi obrigada a render-se aos desejos absolutos e importunos de seu amante. Muitas entrevistas tiveram logar secretamente em Versailles, e muitas em Paris, n'uma casa situada na rua Croix-des-Petits-Champs, cuja porta deitava para a rua dos Bons-Esfãos. Luiz 16.º entrava por esta porta, acompanhado, diz-se de dois cortezãos da primeira ordem, que tinham, se pode crer-se, as vantagens de afastar-se por si de uma publicidade gra-

duada e dextramente conduzida ; elles ficavam com a mãe, em quanto que seu senhor entretinha a filha em um quarto separado. O rei não tinha sem duvida notado em esta amizade mais do que como um dos divertimentos passageiros de que tinha contrahido o costume ; mas madame de Etioles, que tinha tido tempo de estudar o caracter fraco e indeciso do monarca, roubou por assim dizer de surpresa, o posto de amante em titulo, o que ella não teria talvez obtido se tivesse esperado. Temendo ou fingindo temer o poder de um marido offendido, foi procurar um asilo em Versailles ; alcançou apesar da primeira escusa do rei, estabelecer-se na superintendencia ; depois em uma casa vizinha da do principe, o qual se julgou violentado por uma necessidade irresistivel a um brilhantismo que elle não tinha previsto, e que teria querido provavelmente evitar, se não pela decencia, ao menos em respeito a seu proprio repouso. Madama Etioles acompanhou o rei durante a campanha illustrada pela batalha de Fontenoy ; mas ella procurou occultar ao Delfim um commercio cujo exemplo podia ser perigoso. Esta moderação se desvaneceu com o imperio sempre crescente que a protegida soube tomar sobre seu fraco amante.

Tornada o canal das graças, e dos favores, ella encheu delles sua familia, depoz e nomeou ministros e generaes, foi o arbitro da paz e da guerra, e encheu a França de um nome, diante do qual tudo se devia inclinar. Já aquelle de seu marido, de quem ella estava separada, não podia convir-lhe; e o titulo de Marquiza de Pompadour lhe tilla sido dado por Luiz 15.º, que ressuscitava em sua amante uma antiga casa extincta em 1722.

Ella tomou as armas bem apezar de lhe não pertencerem; e julgou fazer esquecer assim a filha de madama Poisson e a mulher de Leonard Etioles. Um certo Poisson, tambor do regimento do Piaamonte, soube da rapida elevação de sua prima e apressou-se em vir reclamar a sua protecção. Ella procurou faze-lo entrar no regimento do rei; os officiaes deste corpo se opuseram, e não occultaram ao ex-tambor, que elle acabaria por succumbir, sem que matasse, o que era pouco provavel, todos os seus camaradas. Pompadour queria fazer punir o regimento, mais estava-se em guerra e temia se um descontentamento. O primo foi nomeado tenente dos dragões, depois capitão; passou depois para os clavineiros, e morreu mathechal de campo, com a reputação de um bravo militar.

Vê-se que madama de Pompadour, como todas as validas, encheu sua familia de bens e de honras. Ella não esqueceu sua propria fortuna, que soube tornar immensa.

A's graças mais tocantes de sua pessoa, secundados de tudo quanto uma educação pode dar de mais encantador, ella juntou uma arte tão necessaria em Versailles, a arte de zombar em um tom desconhecido do rei e da côrte. Sua sagacidade não deixava de dar apreço ás mais pequenas bagatelas; ninguem tinha tanta graça em contar uma historia, ou os pequenos acontecimentos da côrte ou da cidade. Cantava e tocava como mestra, a maior parte dos instrumentos: dançava com uma elegancia de nimpha, de que tinha toda a delicadesa e toda a agilidade: excedia sobre tudo na arte desenvolver, sempre a proposito, suas gentilezas, e de não as fazer aparecer senão no momento favoravel em que podessem ser melhor sentidas. Sua penetração chegava a descobrir o momento em que cada uma dellas deixaria de ser agradável: ella não o esperava. Já as scenas estavam mudadas antes de ter se acordado da surpresa e admiração que tinham excitado. Nenhum divertimento era reputado tal, senão era de sua invenção ou se

não tinha merecido a sua approvação. Queria-se que tudo fosse á Pompadour, nestes pequenos intretenimentos de que o rei gostava tanto, e de que tinha sabido, desterrar o que o ceremonial tem de constrangimento, entre pessoas escolhidas, que erão então mais seus amigos que seus vassallos. Despido de todos os exteriores da magestade real, elle se entregava todo ao praser de ver animar esta multidão voluptuosa, e nella espathava o espirito da alegria, porque ella era a alma e a vida das mais pequenas cousas. . . . » E' assim que Soulavie traça de uma maneira mais verdadeira que elegante, a arte prodigiosa com que Pompadour sabia combater o enojo do seu rei. Acrescentarei o que diz um escritor a este mesmo respeito. » Não satisfeita de ter no castello de Choisy, um theatro onde ella mesmo representava, Pompadour fez construir um em todas as casas reais; e as personagens as mais illustres, homens e mulheres, se deram ao jogo da scena, para divertir o monarcha e sua amiga. . . . Os meios de distracção que podem fornecer aos intretenimentos as revelações escandalosas da policia de uma immensa capital erão tambem postos em uso por ella, para afastar do seu real amante os cuidados, e as inquietações publicas. »

Eis aqui para dar o ultimo traço de pincel a este quadro, o que diz ainda a historia de París: a policia era penivelmente occupada todos os dias, a procurar e recolher em todos os máos logares desta capital, o nome das pessoas que tinham a fraquesa de ali hir; e mesmo o que é mais vergonhoso, a descrever detalhadamente a natureza dos praseres que estas pessoas ali tinham tomado. Fazia-se disto relações, formavão-se processos verbaes em fórma; e estas collecções de porcarias erão regularmente dirigidas ao rei, que com ellas ou antes achava nellas exemplos de corrupção proprios a authorisar a sua.

A valida podia a seu gosto dispor da bolça do rei, e della dispunha impiamente; alem das sommas immensas que della sahiram para supprir as despesas da maneira de viver em que ella o tinha empenhado, as tirava ainda muito maiores para si mesmo. Este dinheiro, junto ao que ella tirava da venda da sua protecção, da distribuição dos cargos, e dos empregos, e de mil outros meios ainda que o poder real confiava ás suas mãos, foi incalculavel.»

Berryer de Ravenoville era então intendente geral de policia. Este magistrado tinha adquirido as boas graças da valida interceptando uma carta na qual d'Argen-

son não poupava nem o rei nem Pompadour. O ministro tinha sido deposto, unido-se Berryer á sua protectora, fazia-lhe os enfadonhos serviços que tenho narrado. Não se limitava ali seu zelo para melhor fazer sua côrte, elle occultava á marquezas as queixas de que ella era o objecto, e entregava á sua curiosidade todos os segredos do seu logar. Elle empregava sua actividade em destruir as manobras dirigidas contra ella, assim como em descobrir e punir os escritores que pintavão a pudica amante com suas verdadeiras cores. Tambem o objecto constante de sua protecção especial, foi levado mais tarde ao ministerio da marinha. Neste logar não tinha a mesma facilidade para servir ás vinganças de Pompadour; mas antes e depois d'elle a torre de Vincennes, os calabouços e a bastilha não se povoaram menos de numerosas victimas da implacavel marquezas. Conhece-se o triste destino de Allégre, de Latade, e de tantos outros, homens e mulheres, expirando em um horroroso captivo por importunos mormurios ou pela simples suspeita de uma rivalidade perigosa. Nunca se prodigalisou com mais ligeireza estes odiosos decretos, arma terrivel do despotismo de que a revolução se tem aproveitado.

Em 1748, um accidente imprevisto, que devia ter arruinado o crédito da marquezia, veio ao contrario prover todo o imperio que ella exercia sobre seu amante. Um desarranjo a que seu sexo, é sujeito, atacou madama Pompadour com tanta força, que para evitar as graves consequencias que delle podião resultar, o rei, por avizo dos medicos foi obrigado a abster-se com ella dos praseres de que elle tinha feito um doce habito. A situação era penosa para a amante. Ella teve mais que nunca recursos ás distracções de toda a especie: muzica, dança, espectaculos, viagens, cortejos, tudo foi empregado por ella com successo então; mas enfim a tendencia que arras-tava Luiz para as mulheres não tornavão verdadeiramente agradeveis a este principe senão os praseres de um só genero. Foi preciso amoldar-se a isto. Pompadour não vio mais meios de reter o monarcha em suas prisões senão fazendo-se a superintendente de seus amores; e a contada foi criada.

A enfermidade de Pompadour deu de novo divertimento á malignidade publica. A valida foi perseguida com uma constancia que não pôde ser igualada se não pela que ella empregou em suas vinganças. O conde de Maurepas tornou-se uma de suas primeiras victimas. Este senhor que Luiz 15.^o

honrava com a sua amisade, tinha ja mo-tejado da satisfação da marquezza, e o rei se tinha rido. Um dia em Martigella encontrou debaixo do seu guardanapo o quarteto seguinte :

*La marquise á bien des appas ;
 Ses traits sont vifs, ses grâces franches
 Et les fleurs naissent sous ses pas :
 Mais, hélas ! ce sont de fleurs blanches.*

Concebe-se a colera da marquezza. Não estava provado que o conde fosse culpado, mas era suspeito, e recebeu ordem de demittir-se de seus empregos. Não se tinha por outra parte esquecido certa canção de que elle passava provavelmente por ser o author.

A marquezza em fim, incapaz desde muito tempo de embriagar os sentidos de seu amante com seus encantos, dedicou-se continuamente a captivar seu espirito para o subjugar, e tornar-se indispensavel. A adulação, para com todos os homens, diz um escriptor, foi um daquelles que ella pôz particularmente em uso. Esta adulação não consistia simplesmente na arte commum dos cortezãos em approvar em tudo o monarcha, em aplaudir suas acções, e até suas menores palavras,

ou de prevenir seus desejos, mas na arte mais difficil e muitas vezes penivel de afastar de Luiz os cuidados, desazocego, e inquietações do governo. Ella se fez *primeiro ministro*, justificou muito bem pela sua parte - a palavra de Frederico da Prussia, que chamava com ironia ao reinado de Luiz 15.º o *reinado dos tres mantéos*. Pompadour era mantéo 2.º, como Chateauroux tinha sido o primeiro, e como mais tarde madama Du Barri foi o terceiro.

Quando Pompadour foi collocada tão alto no governo, o rei julgou conveniente em pregar mais decencia em um commercio, em que os sentidos a nada mais attendião. Mandou murar todas as communicações secretas de seus alojamentos; e nomeou aquella que não olhava senão como *sua amiga*, dama do palacio da rainha. E' então que se preparou esta guerra fatal tão vergonhosamente celebre pela derrota de Rosbach. Favorecido de Pompadour, Soubise nella commandava; escapado ao desastre deste dia, tornou para Versailles, e não foi punido senão pelos versos satyricos que inundaram a capital, e que bateram ao mesmo tempo sua protectora.

A marquezia não sobreviveu longo tempo ao tractado de paz de 1763. Adoeceu.

em Choisy, e foi reduzida a um estado de languidez a que só a morte pôde pôr termo. ²reveniram Luiz 15.º do perigo de sua amante, que recebeu esta nova com a maior indiferença, não alterou em nada seus costumes, continuou a intrerter-se com ella dos negocios do estado, e a fez transportar, de Choisy a Versailles. O logar em que ella estava, a flexibilidade do espirito do rei, que tinha nas praticas exteriores, exigião que ella cumprisse os ultimos deveres da religião; *ella o fez sem fausto e sem pusillanidade, pediu altamente perdão a todos os Cortezãos presentes do escandalo que lhes tinha causado.* No mesmo dia da sua morte o Cura da sua parochia em París foi vê-la, e como tinha a sua confiança, » um momento, meu cura, nós iremos juntos lhe disse ella: » e expirou alguns momentos depois, na idade de quarenta e dois annos no dia 15 de Abril de 1764. Apenas ella expirou fizeram sahir seu corpo de Versailles e o enviarão ao seu palacio. Luiz 15.º vio côm olhos enxutos passar o enterro por baixo das janellas, e disse friamente que chegaria ás dez horas a París. Ella tinha mostrado desejos de ser enterrada n'uma sepultura da Igreja dos Capuchinhos da praça de Vendome. A execração pnblica a perseguio alem da mor-

ta. Eizerão circular os epitafios seguintes

Ci-gi qui fut quinze ans pucelle,
vingt ans C...., puis sept ans m...

Em seu testamento pediu ao rei o aceitar a dadiua do palacio que occupava em Paris, exprimindo o dezejo, que elle poderia ser a habitação do Conde de Provença (Luiz 18). Ella deixou tambem a monarcha todas as suas pedras lavradas, e legou o superfluo de seus moveis e immoveis a seu irmão o Marquez de Marigni. A venda da sua mobila durou um anno. Era um expectaculo onde se hia por curiosidade: parecia que todas as partes do mundo se tinham feito tributarias á Marquiza.

MADAMA DU BARRI.

Esta mulher nasceu aos 19 de Agosto 1646 na patria de Joanna d'Arc, em Vaucouleurs. Esta circumstancia singular tornou mais pi

cante o quarteto seguinte que circulava em Paris no tempos de madama Du Barri,

France quel est donc ton destin
D'être soumis á lá femelle !
Tou salut vint d'une pucelle;
Tu peziras par la c...

Bastante obscuridade tem envolvido o nascimento de madama Du Barri; e a mesma obscuridade se es'ende igualmente sobre suas aventuras até ao tempo em que ella tomou conhecimento com o Conde João Du Barri, diz Roué

O acaso trouxe por padrinho á joven Maria Joanna o senhor Monceau, que logo depois da cerimonia, deixou Vaucouleurs, onde seu serviço o tinha chamado. Muitos annos se passaram. O financeiro tinha sem duvida esquecido sua afilhada quando um dia avio chegar a sua casa em Paris acompanhada de sua mãe. Esta estava viuva e na ultima miseria; Du Monceau lhe procurou um lugar, e fez entrar a joven filha no convento de Saint-Aure, para ali receber alguma educação. Não parece que as religiosas ficassem muito satisfeitas da conducta de sua educanda, que ja parecia prometter tudo que seria para o futuro.

Ella sahio em fim do convento, e foi praticar em o armazem de modas de ma-

dama Labille, *onde fez suas primeiras campanhas* debaixo do nome de Lançon, o qual julgam a proposito fazer-lhe tomar.

Durante sua assistencia em casa de Labille, Lançon dirigio suas vistas a um commissario de marinha, chamado Duval que habitva na mesma casa. Duval era rico, convinha a modista, a qual dezenhou *inda* que mal o retrato do joven na porta do quarto que elle occupava. A curiosidade deste foi excitada: e escreveu por cima deste retrato: *dezejaria conhecer o seu auctor.*

Respondeo se lhe por outro retrato tão groceiramente feito como o primeiro; este segundo era o do auctor com estas palavras por baixo: *sou eu.* No dia seguinte, Duval entrou no armazem das modas, examina todas as fisiomias das raparigas, vê um surrizo malicioso errar nos labios de Lançon, a qual de tarde lêu sobre sua porta: *quando poderá o meu pintor virme acabar de mais perto?* Ella respondeu da mesma maneira: *vossa pintora irá almoçar a vossa cassa domingo ás nove horas, deixai a porta aberta.*

A entrevista teve logar. O doeto foi vivo e delicioso, mas não foi tão interessante como o amante o tinha esperado. Elle julgou logo que esta costureira, era mais louca que amorosa; posto que lhe fosse fa-

eil perceber que era dotada de um temperamento mui fogoso, reconheceu que a sua astucia sabia domina-lo ou ao menos que sabia os meios de o satisfazer sem temer as consequencias molestas que podião resultar. Em uma palavra, ella lhe declarou que jamais homem algum dormiria perfeitamente com ella, logo que não estivesse disposto a entretella. Assim se passou esta entrevista em brincadeiras. As que se seguirão não tiverão outro resultado. Duval se recusou fazer sacrificios por sua exigente amante, a qual a final despresou por uma dama de qualidade e ja de idade. Elle o fez saber á joveu abandonada, a qual lhe respondeo, que uma rapariga de 16 annos, valeu, valia, e valeria sempre mais que uma pandorga de quarenta annos, fosse ella descendente de sangue dos Borbões: acrescentou que não estava embaraçada para lhe dar um successor, que o tinha ja encontrado na pessoa do bello Lamet seu cabeleireiro. Este com effeito a poz em uma casa mobilada com gosto, deixou á sua disposição suas economias, que montavão a mil escudos, contraio dividas, arruinou-se, e foi obrigado a passar a Inglaterra para escapar á perseguição de seus credores.

Depois da fuga do seu amante, Lançou,

debaixo do nome de Vaubernier, entrou em casa de madama Garde viuva de um rendeiro geral, donde em pouco tempo sahio para casa de sua mãi que acabava de casar-se, segunda vez, e morava na rua Borbon. Nas vizinhanças vivia uma marquezia Duquesnoi, que dava jogo duas vezes por semana, e reunia em sua casa algumas mulheres de uma virtude mais que suspeita. cujo principal fim era atrair os parvos. Esta dama lançou os olhos sobre Vaubernier, que esta vez com o nome de Lange veio fazer o ornamento do salão de madama Duquesnoi.

Ellaahi encontrou o Conde Du Barri, especie de cavalheiro de industria muito intrometido com aquelles, que vivem á custa do jogo e das mulheres, tendo sempre alguma amante que elles sabem fazer render. Os encantos da joven Lange o tocaram; elle soube o partido que d'ahi podia tirar. Era então uma nimpha fresca desconhecida na ordem dos Cortezãos cuja figura voluptuosa e as graças folgazans de vião fazer desvairar muitas cabeças. Elle procurou captivar a joven, e alucina-la por promessas as mais magnificas. Fez-lhe um a narração das raparigas que tinhamo avançado debaixo de seus auspicios, que se tinhamo illuzido e erão apontadas como de maior

tom. Brevé elle lhe propoz vir reinar em sua casa, onde não veria mais que ricos fidejantes, marquezes, duques, e principes mesmo, e sua proposta foi aceita com ardor, o prazer do toucador tinha para Langes, um atractivo irresistivel.

O Conde João esgotou seus desejos em uma conferencia de oito dias, e disse depois; eis aqui o que é facto; eu não sou muito eioso. Elle abriu com effeito sua casa, e apresentou sua amante a seus domesticos, e no futuro, ao que parece, ella se deu ao que mais offerencia.

Digamos uma palavra das maneiras e do genero de espirito da amante do conde João. Quanto a seu retrato se encontra em toda a parte: um talhe elegante e nobre: um oval de rosto admiravelmente desenhado; olhos grandes, bem rasgados; um olhar algumas vezes vivo, terço e voluptuoso; a pela alva de neve: uma bocca encantadora, um bello pé, e um cabello magifico. Suas maneiras e seu tom deveram necessariamente resentir-se da sociedade que ella frequentou saindo do convento de Saint-Aure. O armazem de modas da rua de Saint-Honoré, e a casa de Gourdan, era uma triste escolla para formar uma boa rapariga na sua entrada no mundo, assim não se viu durante os primeiros annos mais que

uma costureira em Vaubernier, á qual o sa-
lão de madama de Guardé deu uma
presença mais decente. Ella conservou um
certo descaramento d'espírito que ouzou fa-
zer contrastar mais tarde nos pequenos alo-
jamentos, com esta politica fria e ceremo-
nial de uma corte que não se sabia mover
senão pelas leis de uma escrupulosa
etiqueta. Não obstante esta audacia ella
saio bem, e obteve todo o successo; e a-
cabou por fazer cair Luiz 15 em o despre-
so publico.

Depois da morte de Pompadour, o rei
não tinha tido amiga em titulo. Seus gos-
tos se dirigião indistinctamente ás mulhe-
res da corte, as cidadans, e mesmo ás cos-
tureiras; nenhuma o captivava. Lebel, cria-
do da camara do rei, andava em busca de
alguma nova belleza, e suas indagações ti-
nhão sido baldadas. Neste embaraço um
dia encontrou o conde João a quem falou
de seus desgostos. “ Não é senão isso, lhe
diz este? vosso negocio está arranjado, vin-
de jantar a minha casa e eu vos farei ver
a mulher mais bella, mais fresca, e mais
seductora, um verdadeiro bocado do rei,,
Lebel promette, o conde encantado se a
pressa a ir avizar Lange que julga conve-
niente fazer passar por sua cunhada junto do
rei; e que em consequencia tomará o titu-

lo de condessa Du Barri. Lebel chega, fica maravilhado á vista de tantos encantos; acalma-se emfim, e se explica. As partes ficam logo de acordo. Algumas pessoas julgaram que Lebel tomára em nome de seu senhor, posse do objecto destinado para o leito real. Como quer que seja, a pertencida condessa Du Barri não tardou a ser admittida á presença de Luiz 15.º e em sua cama.

Luiz, a quem a arte de uma discipula de Gourdan se tinha desde longo tempo tornado necessaria, julgou dever fazer sua amante daquella que acabava de revelar-lhe prazeres desconhecidos. Quiz que ella o acompanhasse a Compiègne e a Fontainebleau; e bem que elle guardasse então neste commercio uma sorte de mysterio, não tardou a saber-se em que se occupava. Lebel, assustado da paixão nascente de seu amo, Lebel, que nunca tinha pensado que as cousas chegassem a este ponto, temeu as consequencias da sua impostura; e antes de deixar tomar a valida maior imperio, lançou-se aos pés do rei, e lhe declarou que tinha sido enganado, que esta mulher não era nem de qualidade, nem mesmo era casada. Tanto pior - diz o rei - fazem-na promptamente que me pouparão fazer uma louçura. Tal era por tanto o

efeito que esta cortezan produziõ nos ven-
tidos embriagados de Luiz! Elle estava en-
cantado e confessava ao Duque de Avenã,
que não tinha nunca conhecido prazeres
guaes áquelles que gozava com ella: “Se-
ñhor lhe diz o duque com uma inergia fran-
ca, é por que vós nunca fostes ao b. . .”

O successo tinha preenchido as esperan-
ças do conde João. Elle se aproveitou
da proposta do rei; sabendo por outra par-
te que a sua protegida não podia ser apre-
sentada na corte não sendo casada, pro-
curou logo meios de vencer este último
obstaculo, e lançou os olhos sobre um de
seus irmãos, muito proprio para desempe-
nhar o papel que elle lhe destinava. Guil-
laume Du Barri tinha todos os vicios do
conde João, sem ter as suas qualidades.
Sem espirito, grosseiro, jogador, bebado,
libertino, não foi difficil de persuadir quan-
do se lhe fez saber que sua complacencia
lhe procuraria a facilidade de se conduzir
mais livremente com o grande genero de
vida que lhe convinha. Elle cedeu a estes
argumentos irresistiveis e o casamento foi
celebrado na parochia de S. Lourenço no
primeiro de Setembro de 1768.

Ali pela primeira vez, Guillaume vio a-
quella a quem hia dar seu nome; e termi-
nada a cerimonia elle sandou sua esposa;

tornou a posta e retirou-se para Toulouse. Assim a joven Vaubernier tornou-se cunhada do conde João, seu antigo amante, e mudou logo seu nome tomando o de legitima condessa Du Barri. O rei ficou encantado da conclusão deste negocio, e a ambição da nova familia da condessa não conheceu mais limites.

A elevação de madama Du Barri não teve logar sem occasionar embarços na corte; as contradicções não servirão senão a tornar a paixão do rei mais viva e a segurar o triumpho da valida. E' talvez como o nota um historiador de Luiz 15.^a a unica occasião em que oppondo se contra as difficuldades, esse principe tenha testemunhado uma firmeza perseverante, que lhe faltava nas cousas mais importantes. Desde que foi questão a apresentação da condessa, uma opposição violenta se manifestou, e fez comprar cara a victoria á condessa.

Na sexta feira de tarde vinte e um de abril de 1769 o rei annunciou que haveria uma apresentação no dia seguinte... que seria a de madama Du Barri. A tarde um ourives trouxe perto de cem mil francos de diamantes a esta dama. No dia seguinte a affluencia foi tão grande que se julgava mais numerosa, que a que te-

ve logar percedentemente no casamento do Duque de Chartes, a ponto que o monarca, admirado deste diluvio de espectadores, perguntou se havia fogo no castello. Madama a condeça Du Barri foi bem recebida das senhoras, e mesmo com graças particulares. No domingo ella assistio a seu jantar, todos os espectadores admiraram a nobreza de sua presença e a destreza de suas atitudes. Este papel de mulher de corte é ordinariamente estranho nos primeiros dias que se faz, e madama Du Barri o desempenhou como se a isso estivesse acostumada á muito tempo. Desde então Du Barri deu cetas a que convidava todos os grandes da corte e os ministros. Assegura-se que no fim da carta do convite se lião estas expressões: *sua magestade me honrarí com sua presença*. Não era preciso no principio nada menos que um semelhante *post-scriptum* para formar á valida uma especie de corte. As mulheres não responderam logo aos convites: mas o favor e graças estavam ali, e sua orgulhosa delicadesa se humanizou logo; as senhoras de L'hospital de Mirepoix e de Valentinois deram o exemplo ás outras. O conde de Marche veio igualmente engrossar a multidão dos adoradores da condessa, e mais tarde o Principe de Condé se apressou a rece-

bella em Chantilly, por occasião de uma festa que ali dava ao rei. E' assim que os nomes mais illustres da monarchia, não podendo elevar esta mulher, á sua cathegoria, parecião rivalisar em baixesa para descerem a sua obscuridade. Um Duque de Tresmes, por exemplo feio e corcovado, era admittido em casa da condessa que se entertinha com sua disformidade, apresentando se um dia em casa della e não a encontrando, escreveu na porta: *o macaco da madama a Condessa Du Barri aqui veio para lhe render suas homenagens, e faz-la rir.* O primeiro principe de sangue o Duque de Orleans se esqueceu mesmo a ponto de solicitar sua protecção para empenhar o rei a permittir seu casamento com madama de Montesson. *Esposava todos os dias meu pançudo,* lhe respondeu a valida batendo-lhe na barriga; *depois veremos o que melhor convem:* vos sabeis que eu nisto sou muito interessada. Esta inconveniente familiaridade se dirigia muitas vezes mais alto; testemunha o nome de *la France* que dava habitualmente ao rei em particular. *La France toma sentido não te fuja o teu caffè,* lhe gritava ella um dia da cama em quanto Luiz, distraído para outro objecto, despresava o almoço que elle mesmo gostava de preparar.

A apresentação de madama Du Barri foi um golpe terrível para os Choiseul. As defeições começaram. Entre estas é preciso distinguir a do Chancelier Maupeou, que foi plena e inteira. Elle unio seus interesses aos da protegida de quem dizia ser parente, e que não tratou mais senão por prima. O Duque de Aiguillon inimigo do Duque de Choiseul e que um negocio desagradavel com o parlamento da Bretanha punha n'uma posição critica, soube habilmente ganhar as boas graças da condessa. Este dois homens de accordo com ella, trabalharam sem descanso no desterro dos Choiseul e na queda do parlamento, e o conseguiram. Antes de lá chegar, um acontecimento importante veio reanimar as esperanças do partido do ministro, e inquietar o triumpho da protegida. Quero falar do casamento do Delfim, depois Luiz 16.º com a Archiduqueza Maria Antoinette. Esta aliança era em parte obra do Duque de Choiseul, que se mostrou sempre partidista da casa d'Autriche. Madama Du Barri temeu não sem alguma razão, que o duque não prevenisse a Dauphine contra si. Entretanto o primeiro acolhimento que lhe fez esta princeza foi na verdade benevolo; mas estes sentimentos mudaram logo, e desgraçadamente para si, a condessa julgou po-

der lutar contra aquella que devia um dia ser sua soberana. Ella disto fallou sem rodeios dizendo ao rei, que era preciso que este artificio não se deixasse escapar em algum canto, citando-lhe epigramas, que dirigião a enredar a Dauphine que desde logo julgou dever unir-se ás outras princezas da familia real, para fazer experimentar-lhe amante de seu sogro, as mais crueis humilhações. Tudo isto não salvou o ministro, em favor do qual, por outra parte a Dauphine estava muito mal prevenida.

Em. A ruina da magistratura seguiu logo a queda de Choiseul: o parlamento foi desterrado no mez de Janeiro de 1771 e substituido por um outro da composição do Chanceler Maupeau. Para chegar com mais segurança a seus fins, o chanceler tinha dado a madama Du Barri um retrato de Carlos primeiro d'Inglaterra pintado por Van Dyck, que a valida mandou collocar em seu gabinete defronte da ottomana em que Luiz 15.º costumava sentar-se; e quando o principe lançava os olhos sobre este quadro, ella lhe dizia: "La France, tu vés este quadro! Se deixas fazer teu parlamento, elle te mandará cortar a cabeça, como o de Inglaterra mandou cortar a de Carlos.,,"

• Não era bastante para madama Du Bar-

ri estar desembaraçada do Duque de Choi-seul; de acordo com o Chancelier, elle levou ao ministerio o Duque de Aiguillon, que os parlamentos tinham á pouco tempo tão vivamente perseguido. Graças a ella, o rei tinha nesta epocha suspendido e definitivamente reprimido por um golpe violento de authoridade, todas as perseguições. E' então que para testemunhar seu reconhecimento á protegida, o duque lhe fez presente de uma soberba carroagem que todo o mundo quiz ver, e que custou 52,000 libras. Parece com tudo que a condessa não ousou della servir se; mas este respeito pela opinião publica, que se pronunciava contra este fausto indecente, não a salvou dos epigramas.

D' Aiguillon chegado ao ministerio afrontou o clamor publico, e conduzio os negocios de concerto com o chancelier e madama Du Barri, depois pouco afeiçãoado aos jesuitas, os quaes lhe fizeram uma copula que fazia parte de uma revista satirica. Finalmente Maupeau, d' Aiguillon, Terray, Du Barri e os Jesuitas parecião feitos no molde para se entenderem. Os concelhos do Conde João chegavão sempre secretamente; entretanto não tinham mais a mesma influencia, e a queda do parlamento de que era partidista declarado é a pro-

va: mas o que melhor lhe aproveitava era que o thesouro lhe estava aberto, e elle o esgotava ás mãos cheias, A protegida, que por outra parte não entendia nada dos negocios publicos, os abandonou a seu associado, que se contentou de sustentar-se, em quanto que ella se encarregou do cuidado de adormecer o rei sobre as bordas do abismo em que devia despinhar-se a monarchia. Aproveitando o imperio que tinha sobre seu amante . que nenhuma das que a tinham precedido havia exercido de uma maneira tão absoluta , apoderou-se tambem do seu espirito , e o sceptro de Luiz se tornou entre suas mãos a marmota da loucura , e para me servir da expressão de um escritor Inglez, ella olhou a coroa como o barrete da noite que lhe era comum com o rei. Nada ha mais extravagante que tudo o que se passava na corte, as scenas privadas entre os dois amantes, sempre mui publicas pois que testemunhas indiscretas as revelavão !... Uma vez, madama Du Barri que em presença do rei e de seu notario, sahia da cama, fez pelo nuncio do pápa trazer-lhe uma de suas chinelas, e a outra pelo capellão ; os dois prelados se julgaram muito compensados deste vil e ridiculo emprego, com o lançar uma vista furtiva sobre os secretos encantos de uma tal belleza. Outra vez a Mar-

queza de *Roses* companheira da Condessa de Provença, sendo açoitada pelas creadas da camara da protegida aos seus mesmos olhos, sob o pretexto de certa falta para com ella, o rei disse rindo „ *bom é uma menina propria para levar açoutes!* „ e estas duas loucas se abraçaram depois, e se ligaram mais estreitamente que nunca... Era o senhor de Boines, dando a cruz de S. Luiz a um commissario de marinha em reconhecimento de um papagaio com que tinha presenteado a condessa..... Nada igualava sem duvida á abjecção de Luiz 15.º que repartindo com Zamores negrinho desta dama, seus favores para lhe agradar, o fazia governador do castello de Luciennes, com o salario de seiscentas libras, e lhe fazia sellar as provisões pelo Chanceller... Era esta mulher tão desavergonhada, tão grosseira, que dava audiência aos embaixadores de todos os pequenos principados d'Alemanha trementes de seu destino então pela divisão da Polonia, e solicitando o sua protecção junto do rei em seu apoio. Era esta mulher que Luiz 15.º levava em triumpho á tirada do aparelho da ponte de Neuilly, festa de que a princeza e a Dauphine tinham sido excluidas (1) a fim de que nada podesse eclipsá-la. Era esta mulher que a-

(1) Estas princezas se excluíram ellas mesmas, para se não encontrarem com a protegida.

chava mão, que o herdeiro presumptivo do throno a tivesse afastado da sua augusta companhia! Esta mulher para quem se fazia um toucador de ouro inda que a Dauphine o não tivesse, e que a rainha jamais tinha tido: notava-se principalmente um espelho coroadado de dois pequenos amores sustentando uma coroa suspendida sobre sua cabeça todas as vezes que se olhava a elle !!!... Era esta mulher que não se achando bem alojada no pälacio de uma princeza de sangue, tinha mandado edificar o pavilhão de Luciennes, bagatela de que se não podia calcular a despesa porque tudo nelle era fantezia e não tinha outro preço se não a cubiga do artista, e a loucura do proprietario. Era esta mesma mulher em fim que, sobre trapos assignados por sua mão, esgotava e todos os seus o thezouro publico a seu grado; que custava mais que todas as amantes que Luiz 15.º tinha tido até alli, e, apesar da miseria dos povos e das calamidades publicas hia de tal sorte crescendo em prodigalidade e depradações que em poucos annos tragara o reino se a morte de Luiz 15.º lhe não pozesse termo.

Em tres annos que mediaram da queda dos Choiseul á morte do Rei, pôde tornar-se a Condessa Du Barri responsavel pela má direcção dada aos negocios publicos, porque sustentou ministros

inéptos. Ella não figurou na administração senão de uma maneira passiva ; e sua vida até Maio de 1774 não offerece mais que uma serie de anedotas destacadas e de epigrammas onde se encontram sempre o espirito do tempo. O gazeteiro Cuirassé apparecia nesta epoca e não poupava a protegida.

O Conde Lauraguais foi suspeitado de ser o author do libello, que se conheceu logo ser de Morande. Este audaz escritor ameaçou a valida de lhe revelar os primeiros escandalos de sua vida. Madama Du Barri quis entrar em arranjos; as primeiras negociações não vingaram. Beaumarchais foi em fim encarregado de arraujar o negocio, o qual terminou á vontade das duas partes. Morande contentou-se com a somma de 500 guinés, e uma pensão de 4000 libras cuja metade era reversiva na vida de sua mulher. A pensão foi suprimida na exaltação do successor de Luiz 15.º, e a condição que obrigava Morande a calar-se, não existio mais; este publicou o seu livro com o titulo de anedotas sobre a condessa Du Barri. Fez nelle enserir uma parte de seus epigrammas de que os amores do rei e sua amante fornecera m o assumpto. A unica inquietação que tinha algumas vezes madama Du Berri era ver roubar-lhe o coração do rei. Conhecia-lhe gosto pela mudança ; tanto

cuidado teve ella de imitar Pompadour, que entregou a sensualidade de Luiz algumas raparigas obscuras das quaes ella nada podia temer. Procurou-se-lhe inspirar suspeitas sobre a apparição na cõrte da jôven Tournon; que acabava de esposar o Visconde Adolfo; filho do Conde João. Um momento inquieta ella tomou seu partido, e disse com alegria, que ao menos o lugar não sahiria da familia. E' provavel que ella setivesse assegurado do pouco perigo que lhe apresentava a rivalidade de sua sobrinha, que não obstante era mui bonita. Um facto certo é que o Conde João procurava substituir sua nora á sua cunhada; e que suas intenções forão secundadas por algumas personagens que atacaram de balde o coração do rei e o ascendente de sua amante.

No entanto o termo fatal dos amores do rei e da condessa se avisinava! Luiz sentia enfraquecer suas forças, e elle mesmo dizia a Martiniers: *bem vejo que é perçizo calçar uma roda.* — *Senhor vós farieis melhor se apiasseis uma carruagem* lhe respondeu o cirurgião. A morte súbita do Marquez de Chauvelin, e a do Marechal de Armentieres quasi da sua mesma idade, o tinhão tocado. Um sermão do Bispo de Senez acabou de introduzir a perturbação e talvez os remorsos na

sua alma. O pregador em uma inergica pintura dos excessos do rei Salomão, dizia: finalmente este monarcha, saciado de delectes, cansado de ter esgotado, para despertar seus sentidos marchados, todos os generos de prazeres que cercão o throno, acabou procurando os de uma nova especie entre os vis restos da corrupção publica. „ Não podia haver duvida no sentido destas palavras, e Luiz não as desprezou mais que os cortezãos. Para arranca-las reflexões em que o lançavão semelhantes advertências, a valida e seus conselheiros resolveram engolfar o rei em alguma orgia que podesse despertar seus costumes. Decidiu-se uma viagem a Trianon, aonde uma rapariga de 14 annos devia ser offerecida a lubricidade do monarcha: os esforços dos corruptores para perpetuar seu imperio se voltaram contra si mesmos, Luiz bebeu nos abraços desta rapariga os germen das bexigas que ella occultava em seu seio, e o poz em lastimoso estado.

Em fim a 10 de maio, o rei expirou, e um dos primeiros cuidados de seu successor foi de expedir a madama Du Barri pelo Duque de Vrillère a carta seguinte „ Madama a Condessa Du Barri; pelas razões a mim conhecidas que tendem a tranquillidade publica do meu reino, e á necessidade de não permittir divulgar-se o segredo

de estado, que vos foi confiado, vos envio esta carta para que vos apresenteis na *Pont-aux-Dames* sem demora com uma mulher para vos escrever, e debaixo das vistas de Hamont um dos nossos ajudantes. Esta noticia não vos deve ser desagradável; terá um fim proximo. A presente sendo para outro fim rogo a Deos &c. Um reinado que principia por uma carta de prego! exclamou ella recebendo esta mensagem e partito.

Madama Du Barri, suportou sua desgraça com resignação. As relações da Abbadessa de Pont-aux-Dames, encarregada particularmente de inspecionar sua conducta, e a prova das religiosas, companheiras e testemunhas do seu retiro, parece que não ha algum desvio, alguma falta grave a notar-se-lhe; louvando sua conducta, que tem sido boa, dócil e honesta para com todo o mundo. Em quanto á sua alma, não se lhe tem visto esta dor enfurcada de uma mulher altiva, que do seio da baixeza elevada ao fausto das grandezas, não sente a dor do seu inferior, e se arranca ás honras como furiosa, medindo em sua tristeza a ambição pela altura de que se vê precipitada. Não sentia esta dor muda, profunda, e estúpida de uma terna mulher, a quem a morte arrebatou o querido amante o unico idolo de sua alma,

que nenhum objecto pode substituir, nada mais dezejando depois d'elle, não vindo por toda a parte mais do que vacuo horroroso na natureza.

O dia das provas era chegado, sabe-se de repente que Du Barri fora roubada por audases salteadores, que se tinham introduzido em Lucienes, e fugido depois para Inglaterra. A condessa parte para Londres, onde se achava então um grande numero de emigrados: diz ter ali encontrado seus diamantes; vem a Pariz, volta de novo a Inglaterra, onde vê frequentemente Calone e outras personagens notaveis; torna a passar o mar. Os acontecimentos tinham seguido seu andamento. Brissac, seu amante, era enviado ao tribunal criminal de Orleans: seu ajudante de campo Massaubré vem trazer esta nova á condessa, é surprehendido em sua casa pelos Marselhenses, e morto cruelmente. Neste tempo Brissac cabe em Versailles ao ferro dos assassinos, que de tarde se apresentaram no castello de Luciennes e depoem aos pés da condessa uma cabeça ensanguentada.

Ella se decide a uma ultima viagem á Inglaterra, que intentou ainda relativamente ao roubo de seus diamantes; deixam-na partir e a fizerão seguir por espiões. Depois de algum tempo apesar de tudo que pôde dizer-se-lhe, se apressou de voltar pa-

ra satisfazer as leis sobre os emigrados. Sua perda estava jurada; os agentes que a consumaram foram, um Irlandez chamado Greive, e aquelle Zamore que ella tinha enchido de beneficios. Elles a denunciaram, e derão a seu respeito um grande numero de detalhes, verdadeiros ou falsos, que devião infalivelmente conduzilla ao cada-falso. Foi presa a 22 de Setembro de 1793.

Interrogada por Dumas, presidente do tribunal, respondeu que apresentada na côrte em 1769 alli tinha persistido até 1774; que Beaujon por ordem do ministro Bertin pagava todas as despesas de sua casa com letras por ella assignadas; que tinha influido e terminado algumas vezes o rei nas escolhas que fazia, que devendo dois milhões e setecentas mil libras em 1775, mandou propor a Luiz 16.º o pagamento desta divida: pela recusa do rei ella tinha trocado com elle por dinheiro seus contractos, joias, quadros, e baixella, até a quantia que devia. Ella pagou assim dorentos e cincoenta mil francos que devia mais. Ajuntou que suas despesas em Luciennes erão menores que a sua renda de 200:000 francos, confessou que o capital provinha das liberalidades de Luiz 15.º Quanto á minha mobilia ignoro o seu valor continuou ella, os diamantes que me serão roubados eu os avaliava em 1:500:000

francos; isto não era senão uma parte dos que eu tinha possuído.

Ella appareceu diante do tribunal revolucionario acompanhada de Vandenyvet, seu co-réo e de Chauveau Lagarde, que que tinha escolhido para seu defensor. O denunciante Greive accusou-a de ter impedido o recrutamento em Luciennes; de ter enterrado seus thesouros, assim como os bustos de Luiz 15.º, do regente, e de Anna de Autriche; de ter fingido o roubo de seus diamantes, enganado a convenção dizendo que suas joias erão a unica garantia que terião seus credores, pois que possuia 150:000 libras de renda do palacio de Paris, duzentas acções do banco na importancia de sete a oitocentos mil francos, de pedras de ouro &c... uma fortuna em fim que se podia avaliar em doze milhões. Um espião que a tinha seguido a Londres disse ter sido testemunha das relações da accusada com o agente secreto do ministerio Inglez, que se tinha relacionado com todos os emigrados de destincção, e que pela morte de Capet tinha deitado luto e assistido aos funeraes celebrados nas capellas das potencias inimigas da republica —

◦ Zamore declarou que ella o tinha despedido de sua casa porque manifestava sentimentos republicanos. — Um outro domestico acusou-a de ter dito por occasião

do assassino de Foulon e de Berthier, que o povo era composto de miseráveis e de malvados. — *Irão* preciso mais? ou tanto? Além disso o imparcial presidente Dumas, no rezumo dos detalhes acabou de esclarecer a escurpulosa consciencia dos jurados. » Vós vedes esta Lais, celebre pela publicidade de suas devassidões, associada ao despotas que lhe sacrificou os thezouros e o sangue de seus vassallos. O escandalo de sua elevação, e sua vergonha não são o que deve fixar vossa attenção; tendes a decidir se esta Messalina nascida do povo, conspirou contra a liberdade e soberania da nação, se se tem feito o agente dos conspiradores, dos nobres, e dos padres. Os debates tem esclarecido assaz a vasta conspiração; realistas, federalistas, divididos na apparencia, tem o mesmo fim: a guerra civil e a guerra exterior. Dumouriez, e Petion marchão igualmente debaixo das ordens de Pitt. O véo que cobre tanta maldade está inteiramente despedaçado. Sim Francezes, nós o juramos, os traidores morrerão, a liberdade resistirá a todos os esforços dos despotas, dos padres e dos escravos. A conspiradora que tendes presente, podia no seio da opulencia adquerida por seus encantos, viver feliz em uma patria, onde estava sepultada com seu amante a lembrança de sua protecção;

mas a liberdade do povo foi um crime a seus olhos; era preciso escravizallo ainda curvando-o ao jugo dos despotas. »

Depois destes pretendidos debates, depois de uma pretendida deliberação do jury, Du Barri foi condenada á morte. Ao lér da sentença, madama Du Barri, cahio sem sentidos; apressaram-se em fazella tornar a si para a levarem no dia seguinte 9 de Dezembro ao cadafalso. Até ao ultimo momento conservou com tudo alguma esperança. A' vista do sanguinolento carro as poucas forças que lhe restavão se desvanecerão. Nota-se geralmente, que de todas as victimas do seu sexo feridas pelo cutello revolucionario, Du Barri era aquella que mo t'ou mais fraqueza. Com effeito durante o tranzito sua palidez foi extrema, uma agitação convulsiva se manifestou em suas feições. Seus companheiros de morte procuravam emvão incutir-lhe alguma coragem; *amim, amim* gritava ella ao povo que julgava interessar-se na sua sorte. Chegada ao cadafalso, respirava apenas, e seu corpo era já sustentado pelo executor. Mas quando este quiz cumprir suas terriveis funções ella se reanimou e debateu com tanta violencia, que foi preciso empregar a força para a amarrar ao poste fatal. Um grito atormentador e horroroso se fez ouvir: *ainda*

um momento senhor algoz! ainda... o cotello mais prompto a impedio de acabar.

MADAMA FOURE'S

Em 1797, um official de cavallaria chamado João Noel Fourés, nascido em 1762, restabelecia-se em Carcassona, sua patria; de um ferimento mui grave, e se distrahia das fadigas da guerra com a melhor gente do departamento de L' Aude.

Entre as donzellas, a quem dirigia suas homenagens, achou-se Paulina Clement-Belle-Isle, costureira mui bonita. Esta captivou seu coração, e lhe fez despertar o desejo de casamento. Mas ella não tinha fortuna, e não gozava, segundo disse depois Fourés, a reputação de modesta, tão necessaria nas pequenas cidades: os parentes de Fourés se oppuzeram pois a esta união. Que pôde a razão contra amor? Fourés a esposou apezar de sua familia, 6 de Dezembro 1797.

Preparava-se o exercito expedicionario do Egipto; Fourés a elle foi reunido na qualidade de alferes, e depois de tenente em cujo

posto tinha antecedentemente servido no regimento N.º 22 de caçadores a cavallo.

Não podendo separa-se de sua mulher, lhe fez tomar vestidos de homem afim de a levar consigo. Ambos se embarcaram com o exercito em Toulon a 12 de maio de 1798, e entrarão no Egypto no primeiro ou segundo de Julho seguinte.

No mez' Novembro, Fourés foi encarregado de uma missão. Não querendo deixar sua mulher só e sem apoio na cidade do Cairo, confiou a ao cuidado de um negociante francez, em cuja casa assistia e partio.

Depois da revista geral das tropas, que passou o general em chefe com o aparato militar, lançou-se ao ar na praça El-Bekir uma maquina aerostatica que expantou os Egipcios. O dia terminou por uma festa, um grande fogo de artificio, e um baile no Tivoli francez do Egypto. Ou fosse para ornamento do baile ou outro motivo propoz-se levar ali, com as mulheres dos principaes negociantes do Cairo, aquellas que tinhamo acompanhado o exercito, e que se julgassem dignas de apresentar-se; o facto é que *Fourés teve a imprudencia de levar sua mulher ao baile do Tivoli*, O general em chefe notou-a muito, e elle mesmo se fez igualmente notavel não tirando os olhos della, fazendo-lhe mesmo algumas cortezias que, ordinariamente, sedusem as mu-

lheres quando partem de uma personagem eminente.

O general em chefe mandou um confidente a madama Fourés, que não se conteve senão pelo temor que lhe inspirava seu marido. O confidente a socegon, e chegou, a impor silencio a seus escrupulos e uma primeira entrevista teve logar.

Madama Fourés não tinha ainda senão vinte annos; era bonita, viva, e espirituosa: devia agradar principalmente ao Egipto. O general em chefe tinha por si o esplendor da gloria e a possibilidade de satisfazer a vaidade e a ambição; devia seduzir uma mulher presumida que comparava sua posição actual, menor, e secundaria com a que sua imaginação lhe apresentava no futuro.

Quando Fourés tornou, apressou-se em dar-lhe seis mil franços e uma nova missão. Esta vez o encarregou de papeis importantes para o director Barras. Madama Fourés e o general o vião embarcar-se com alegria: mas feito prisioneiro o Comodoro Sidney-Smith, o poz em terra e o instruiu da conducta de sua mulher. Seu furor foi extremo. Chegao Cairo, queixa-se, quer exercer seus direitos; ameaça-o com uma separação, elle insiste: o commissario de guerra Duprat, que fazia as funções de official do estado civil, pronunciou seu de-

vorco a nove de maio de 1799, e uma ordem imperial o obrigou a retirar se.

Desde então, madama Fourés cessou de constranger-se. Alojada junto do general, á direita da casa chamada Elh-Bey, na praça El-Bekir, mostrava-se publicamente coberta de joias e de vestidos sumptuosos, trazendo sempre o retrato de seu illustre amante.

Vestia-se frequentes vezes em trajes de general, hia ao passeio montada em cavallo arabe adereçado por sua mão, e seguida de ajudantes de compo. E' falso ter acompanhado Bonaparte á Sria; mas recebia delle cartas mui ternas. . . . Esta confiança e este amor sustentáran, e na sua volta elle se mostrou tão captivado, que não hesitou prometer á sua nova amante divorciar se com Jozefina de, que não tinha ainda filhos, e de a esposar se o torna-se pai. Elle teria sustentado a palavra se esta ultima condigão se tivesse realisado. Sua nova amante favoreceu involuntariamente sua evasão do Egipto, ficando no Cairo com seu trem de casa, em quanto que elle lhe assegurava e lhe dizia publicamente que hia tornear o Delta. Vê-se que seu amor foi sempre subordinado á sua paixão principal, a ambição. Sua amante encolerizada da sua partida furtiva estava in-

consolavel e exalava seu desgosto em pranto anargo....

Partindo o General Bonaparte tinha ordenado ao seu escudeiro Vigogne o pagar todas as despezas de sua casa, e de abandonar o resto assim como os moveis, a madama Fourés, á excepção com tudo de uma rica alfaia que devia ficar ao general Kléber. Madama Fourés fez ao novo general differentes visitas para reclamar o que lhe tinha sido deixado. Kléber lhe disse: eu vos lamento senhora por terdes sido abandonada por um amante tão illustre; eu não buscarei augmentar vossos desgostos mortificando-vos sobre o que elle podia deixar-vos; eu vos restituo tudo, não querendo nada ter para averiguar a este respeito. — Inconsolavel da partida de Bonaparte, madama Fourés espiou occasião de passar á França. Recorreu a Junót que tinha ficado tambem no Egipto; este consentio em deixala embarcar a borbo da America, um dos transportes francezes, com elle, seu ajudante de campo Lallemand, o muzico Rigel, Corences filho, e outros. A'sahida do porto de Alexandria o navio cahio em poder dos Inglezes, que conduzirão todos os passageiros abordo da Theseu. Junót foi enviado a Mahon, e os passageiros forão enviados a terra. Quanto a madama Fourés pedio e obteve ser conduzida á França,

aonde tinha esperança de figurar, sabendo já que Bonaparte se tinha apoderado do governo; mas na sua chegada a Marselha, recebeu ordem que a prohibia voltar a Paris. Emfim obteve o consentimento, e viveu longo tempo em um castello que lhe comprou Bonaparte, a duas legoas da capital: sua casa tinha de renda vinte e cinco mil libras. Seu divorcio tendo sido consumado casou-se com M. R. que foi nomeado por Bonaparte consul de Saint Ander. Ali tendo-se separado de seu segundo marido, se applicou ao commercio, carregou navios por sua conta, fez frequentes viagens ao Brazil e bons negocios, estabelecendo ali uma feitoria.

Quanto a Mr. Fourés, nomeado commissario de guerra a 22 de Agosto 1808, o que faz crer que não tinha conservado odio contra Bonaparte, pediu sua reforma que lhe foi concedida no primeiro de Julho 1818. Este unico recurso não podendo suprir suas necessidades, espera com impaciencia a volta de sua mulher então no Brazil, para intentar um processo de nulidade de divorcio e de segundo casamento, se ella não preferisse entrar com elle, em arranjos, o que ella preferio provavelmente.

MADAMA REVEL.

No mez de Setembro de 1804. Mr. Revel grande amator de espectaculos, entra em uma primeira casa do theatro de lá Gaité, onde encontra Mr. Dominique Denuélle de la Plaigne negociante na praça dos Italianos n.º 340 em Paris, onde vio madama e madamoiselle de la Plaigne. Louisa Catherina-Elconor Denuelle de la *Plaigne*, nascida em 13 de Setembro de 1787, na freguezia de St.º Eustaquio, tinha 17 annos. . . . corpo bem feito, grandes olhos pretos, côr de liz, faces rosadas, espirito natural, alma sensivel, coração terno, e o gosto das artes que adornão a mesma beleza. . . . O militar é galante; o provensal é atrevido. De mais arrastado pelo effeito que a belleza natural de madamoiselle de la *Plaigne* produzio em seu coração, Mr. Revel travou conversação com os pais dirigindo cumprimentos á mãe, gentilezas á filha, fazendo valer a proposito todas as finesas de seu espirito. Cada um se entendeu madamoiselle de la *Plaigne* se dava aos negocios; madama recebia, ou antes jogava, a joven via chegar com pena o fim das fe-

ridas. Revel estava amoroso : que motivos para se tornar a ver ! Convidarão Revel ás partidas de madama de la Plaigne e Revel ali foi.

Bom jogador Revel, perdia o seu dinheiro com graça e sangue frio ; homem amavel, era franco em presentes de toda a especie : supuserão-lhe uma comodidade que não tinha, e quando pediu a mão de Eleonor não ousaram recusar-lha.

As ferias acabaram, a joven de la Plaigne entrou em casa de madama Campan, com grande desgosto de Revel. Como havia de ver o objecto de suas mais ternas afeições ? Ainda que pertencendo ao 15.º regimento de dragões, no lugar de tenente, Revel estava addido á inspecção de revistas do Mr. Davranche-Haugeranville. Elle decido este general a apresenta-lo a madama Campan , como o esposo futuro de Eleonor. Em fim o dia tão desejado chegou : [a 15 de Janeiro de 1805], o casamento foi celebrado em casa do presidente do municipio de S. Germano-en-Laye, e a encantadora Eleonor sahio das mãos de madama Campan para entrar no quarto conjugal. O contracto tinha sido lido em casa de Campan e por esta assignado.

Nada é estavel sobre a terra ! Aos 62 dias desta união (17 de Março de 1805) Revel foi roubado a sua mulher e mettido nas

prizões de Paris, accusado de ter dado a um certo estalajadeiro chamado Sorel, em S. Germano, uma letra de cambio falsa, do valor de dois mil francos, a fim de indemnizalo de uma igual somma que lhe devia pelo banquete de suas nupcias. Esta letra era aceite por Lafeuille quartel-mestre do 10.º regimento de infantaria ligeira, que no praso negou que a assignatura era sua. O processo instaurou-se em Paris, depois em Versailles. O tribunal criminal especial do departamento de Seine-et-Oise deu sua sentença a 12 de Agosto de 1805, e condemnou Revel convencido da falsidade em 2 annos de cadeia contados do dia da sua prisão.

Que fez madama Revel durante estes acontecimentos ! Retirada em casa de seu pai abandonando seu marido ao seu erro e aos remorsos, não foi uma só vez levar-lhe consolações de amizade, e só tratou de si.

O Principe Murat era governador de Paris. Madama Revel tinha conhecido a Princeza Morat em casa de madama Champan ; foi vella, contou-lhe suas desgraças, e se tornou leitora de sua antiga amiga do collegio.

Madama Champan ficou sobressaltada, quando soube que esta rapariga vivia em um palacio onde o enxame dos officiaes do numeroso estado-maior podia alterar a pureza dos principios que lhe tinha incutido. Esta directora se servio de um resto de supe-

ríoridade que tinha conservado sobre madama Murat sua educanda, para empenhal-a a espalhar sobre Eleonor beneficios mais modestos e menos perigosos. Ella lhe mostrou, que uma mulher separada de seu marido devia viver com meuos brilhantismo, e occultar por assim dizer, sua existencia em obliquo. Convidou-a pois a pôla em um collegio, afastado da capital, e conveniente pela simplicidade de seus costumes e austeridade de suas regras, a esta especie de vivenda que a malignidade pública espia sempre. A Princeza Murat pareceu assentir a seus conselhos, e enviaram Eleonor a uma casa de educação em Chantilli.

Madama Revel não ficou provavelmente longo tempo em Chantilli. Um dia em uma vizita de Napoleão a seu cunhado, a Princeza Murat tomou de parte o Imperador, e lhe disse : » Tenho em minha casa ha muito a joven mulher de um official preso agora por um delicto ; eu a recebi porque estava em casa de madama Champan ; mas Murat se occupa della de tal modo, que me despreza e se ri de minhas representações : excitai-o pois eu vos rogo a melhores sentimentos. »

Napoleão foi a casa de Murat, e pediu ver a *joven dama*, causa da inquietação, fez-lhe algumas perguntas ; depois deu muito baixo suas ordens o Duroc. Elle par-

tió, e madama Revel não tardou a segui-lo ao palacio de l'Elysée. Era impossivel que Elionor ali ficasse. O imperador fez vir o proprietario da hospedaria que pegava com o palacio e lhe proguntou em quanto o avaliava : deposs da respotta do proprietario , lhe disse: » Ides ser indemnizado do dobro desse preço, e a hospedaria é minha. »

Com effeito, a casa foi mobilada á custa de Napoleão, praticou-se uma porta de communicação com o Elysée, e Revelahi se estabeleceu.

Quatro a cinco mezes decorrêrão, e foi preciso cuidar de afastar ainda madama Revel, cujo talhe se arredondava visivelmente. No dia 29 de Agosto de 1809, ella comprou a João Claudi Henry, a pequena casa que Napoleão tinha occupado, na rua da victoria n.º 20, e foi logo abita-la. Foi ali que deu à luz no dia 13 de Dezembro seguinte um filho denunciado a 15 ao corregedor do 2.º bairro, com o nome de Leão. As pessoas que assignaram como testemunhas esta declaração de nascimento são, Aimé, official thesoureiro da legião de honra, Andral medico do hospital dos invalidos, e Marchais parteiro. Nota-se que a declaração do nascimento, diz que Leão é filho de *Eleonor Dénuelle e de pai incognito*. E' sem duvida porque se interes-

sava de occultar a historia da mãe. O que faz supor que o começo da amizade de Napoleão com madama Revel deve ser contado do mez de Janeiro ou dos primeiros dias de Fevereiro de 1806, e o que impede de duvidar da existencia desta intimidade, é a epoca do pedido do divorcio de madama Revel e o pouco tempo que decorreu entre o pedido e a pronuncia da separação definitiva.

Leão foi roubado a sua mãe no segundo mez de seu nascimento, e confiado successivamente a trez amas : a primeira destas foi uma mulher chamada Martin.

Ainda que Napoleão tivesse o *disignio de esposar* Revel, é certo que os sentimentos que por ella tinha, se enfraqueceram insensivelmente. A 4 de Fevereiro de 1808 ella se casou em segundas nupcias sem alguma objecção e provavelmente depois de o ter consultado, com Pedro Philippe Augier, tenente de infantaria. Este official fez a campanha da Russia, e não tendo tornado a apparecer, sua mulher se considerou viuva e se casou terceira vez a 25 de Maio de 1814, com Carlos-Augusto-Emilio-Louis, Conde Luxbourg, major ao serviço do Rei de Baviera.

O auto que confirma que a benção nupcial foi dada por um ministro da communhão evangelica e reformada de Seken-

geim (gran ducado do Bade), diz que o Conde de Luxbourg esposou a *dama Luisa. Catherina-Eleonor*, nascida de *la Plaigne* viuva do defunto general francez *Augier de la Sauzaye* natural de Paris, e professando a religião catholica.

A condessa tinha querido relevar sua segunda união fazendo de Augier tenente de infantaria, um official general. Se Napoleão tinha abandonado a bella Eleonor, o filho que della tinha tido ficou em seu coração. Ao entrar em campanha em 1812, assegurou seu futuro com uma renda que se diz montar a trinta mil francos, e o confiou a um tutor da sua escolha.

Em 1821, ignora-se porque motivo, um novo conselho do familia composto do Barão de Mauvieres, Leroy de Camilly, Gillet, o Conde Lavalette, o Conde de Las-Casas, o Barão Denon, reunidos, a 22 de Outubro em casa do juiz de paz do segundo districto de Paris, concedeu uma segunda tutela ao Barão de Menneval. Esta mudança de tutela foi motivada pela chegada repentina, em 1820 ou 1821 da Condessa de Luxbourg.

As cousas estavam neste estado, diz Mr. Revel, quando *minha mulher* depois de ter abandonado seu filho á 14 annos, intentou roubar a Mathieu de Mauvieres. Ella marchou para Paris (de Manheim onde se

refugiou no tempo de minha pertença sobre a nulidade do divorcio), para executar seu disgnio. Foi para casa de sua mãe com quem vivia na maior desinteligencia. Transportaram-se juntas a Mauvieses; e ali depois das scenas do melodrama (repito aqui os termos de Mathieu) por um sordido interesse fez pela primeira vez depois do nascimento do filho, valer os direitos da natureza. Mathieu consentio, não em entregar Leão a sua mãe, mas a confiar-lho por algum tempo, e este foi conduzido a casa de sua avó, madama Denuélle. A condessa partio para Allemanha, espantada pelas perseguições judiarias de seu marido, e Leão tornou para casa de seu tutor.

Depois do seu devorcio, Revel servio em diversos regimento recebeu a patente de capitão e foi reformado a 23 de Maio 1812. Estava na Holanda no tempo da invasão estrangeira; e posto que não pertencesse ao exercito, os Russos o enviaram com uma colonia de prisioneiros para a Russia: Entrado em França a 23 de Outubro de 1814; não tendo mais a temer o chefe do estado, e julgando poder esperar em favor da natureza do seu processo uma certa benevolencia dos Juizes reaes, recorreu no dia 3 de Dezembro 1814, a nulidade do divorcio. Uma sentença dada em 12 de Janeiro 1816, tendo declarado não aceitavel, appellou

para a côrte real, que por decreto de 18 de Junho 1819 confirmou a sentença. Sempre cheio de esperança denunciou este decreto ao tribunal das anulações, mas o tribunal recuzou sua denuncia, no dia 26 de Julho 1821. Em fim depois de ter corrido todos os tribunaes, poz de parte o tribunal de anulações, reclamando ao conselho de estado a formação de um tribunal supremo para ahi cunduzir seus ultimos juizes. No meio de todos estes procedimentos, a 9 de Abril 1819 tinha elle intentado uma acção de negação de paternidade de Leão! Revel pertendia espantar madama Lnxbourg, e os tutores de Leão, a fim de os conduzir a uma composição; elle teria mesmo por necessidade adoptado o filho de Napoleão e se tivesse reconciliado com sua mulher: queria dinheiro! o escandolo lhe aproveitou pouco, pois que logo cauzou compaixão e depois não inspirou senão desgosto.

MADAMA DU CAYLA.

Foi madama Du Cayla amante de Luiz 18. Eis-aqui como a este respeito se exprime esta dama dama que se supõe ser authora das memorias de uma mulher de qualidade. A maledecencia interpretou mal a familiaridade de sua Magestade com sua muito humilde subdita; esta familiaridade era uma familiaridade de rei. Por mim não vi nunca outra cousa se não dezapego de grandesas nas affectuosas conversações de Luiz 18; minha conversação o edistrahia e o entertinha nas esplendidas prizões das Tuileries do enojo das frases diplomaticas. As expreções da minha afeição erão pouco vivas, mas eu julgava ter dellas necessidade para me fazer perdoar a audacia de contrariar algumas vezes as opiniões do monarcha.

Loucos rumores da cõrte tem soado a meus ouvidos sem me embaraçar: meus invejosos tem em vão entrelido com algumas galanterias os nescios de Paris: elles não tem podido chegar-me. Uma noite entrava eu em um baile, quando um conselheiro disse ao seu visinho, olhando-me com

ár ridiculo e muito alto para ser ouvido por mim : » a caixa do rei é a minha favorita ! » as pessoas que estavam junto d'elle soltaram um rizo suffocado. Tenho querido progar a meus amigos o que significava este pertendido bom dito , para nós um enigma : Aposto que os que se riram sabem tãobem d'elle como eu.

A expressão *da caixa do rei* é ainda um equívoco porque , no espirito daquelle, que se servio della havia um pensamento complexo que o impedia de explicar-se tão natamente como o fazião os corteções de Luiz 15.º , que dizião vendo Pompadour atravessar o alojamento do soberano : *ah vai o coldre do rei!* Madama Du Cayla tinha muita penetração para fazer de tão boa fé o papel de ignorante. Resulta sempre da citação , que acaba de ler-se que madama Du Cayla não foi senão favorita do rei. Examinemos portanto.

Zoé Talon, Condessa Du Cayla, nasceu a 11 de Janeiro 1789. Seu pai advogado em Châtelet membro da assembleia nacional, emigrou a 6 de Outubro de 1792. Veio á França em 1802, e se retirou para um logar do departamento de Marne, ahi mostrou um luxo tão extraordinario que atrahio sobre si a attenção da policia daquelle tempo. Soube-se logo que Talon era o intermediario dos prin-

cipes com seus adherentes do interior. Deu-se ordem para ser preso e capturado, condemnaram-no a uma prisão de Paris. Sua filha recorreu e obteve de Fouché a permissão de abraçar seu pai. Algum tempo depois o ministro da policia foi occupado por um official de gendarmes que tão brutalmente tinha prendido Talon; e apesar de toda a sua repugnancia Talon que devia então ser muito bonita se vio constrangida a submeter-se á vontade do general Savary para poder penetrar no asilo da desgraça. Talon passou alguns annos em diferentes prisões, obteve em fim a liberdade e no tempo do imperio, casou sua filha com o Conde du Cayla.

Depois da segunda restauração, esta dama se achava em tão grande apuro que recorreu ao Duque Grammont capitão das guardas de Luiz 18.º (cuja filha era casada na Russia com Davidof) para pedir-lhe á vista das relações do Norte, lhe procurasse um asilo na Russia. O Duque a dissuadio, e lhe offereceo apêzar de não estar em serviço de lhe fazer obter uma audiencia do rei a fim de lhe expor sua triste posição. Madama Du Cayla consentio e obteve a audiencia, que lhe foi concedida pouco tempo depois; no dia aprasado pelo rei, ella entrou nas Tuilleries como protegida de um grande senhor e sahio co-

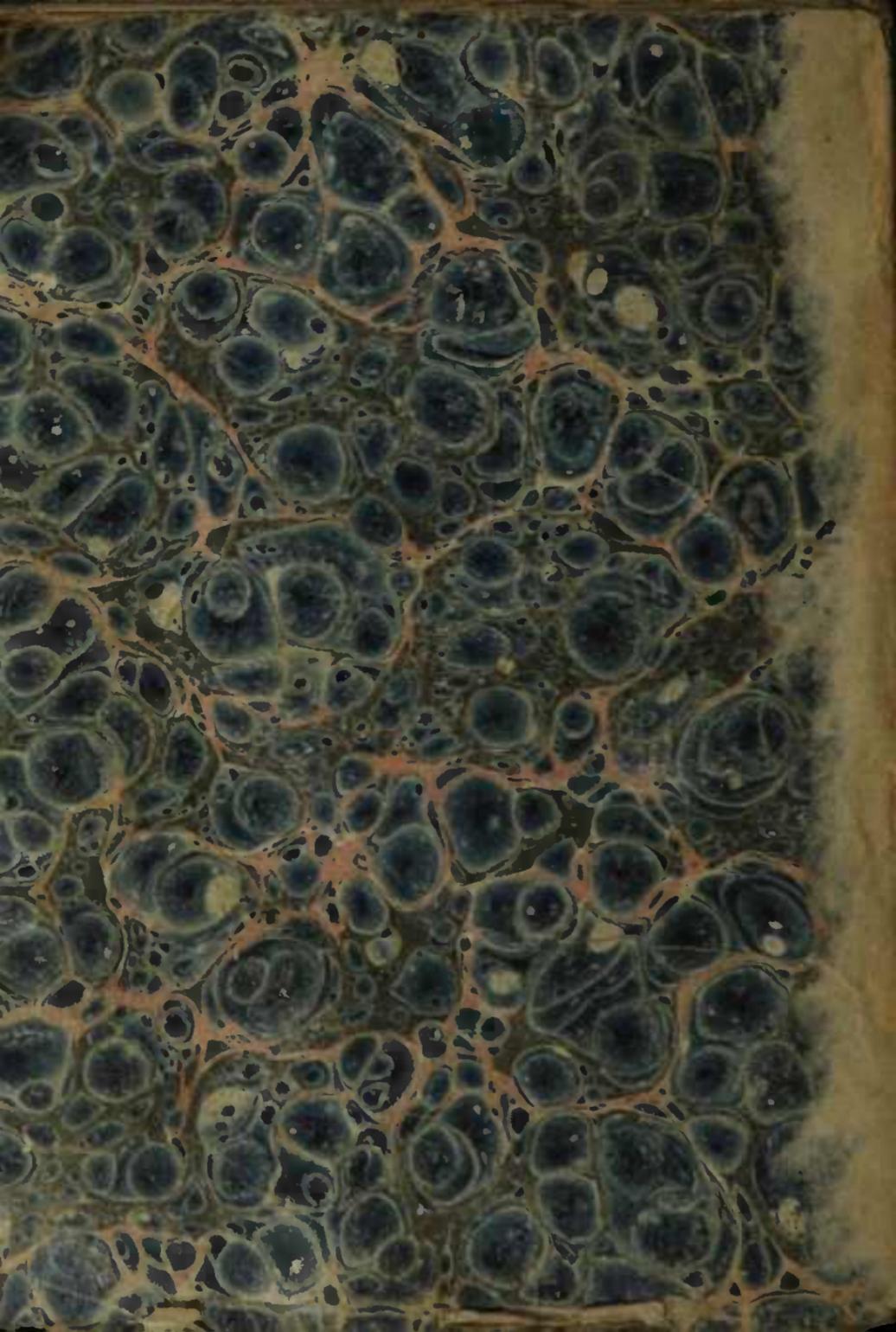
mo protectora. Seu espirito e suas graças agradaram ao rei, o qual lhe conservou até a sua ultima hora um favor particular de que lhe deo bastantes provas. Madama a Condessa Du Cayla teve a honra de ser convidada á companhia de sua alteza real a Duqueza de Berry em um dia de grande sociedade, o rei quiz vella, antes da reunião, para admirar o gosto de seus adornos e com o galante pretexto de dar mais elegancia ao arranjo dos aneis de seu cabello, sua magestade poz nelles sem que ella percebesse, uma anemona do preço de 200:000 francos.... Em outra occasião Luiz 18.º perguntou a esta dama se tinha lido o novo Testamento, e pela sua resposta assaz embaraçada, que não tinha na sua biblioteca este excelente livro o rei quiz presentear-la com um exemplar: alguns dias depois deu a madama Du Cayla um exemplar magnificamente encadernado, com as 150 gravuras que decorão esta bella obra: cada uma destas gravuras ordinariamente abertas em papel de seda, era guarnecida de uma notta do banco de França da importancia de mil francos. A real munificencia do monarcha brilhará de uma maneira digna de Luiz 14.º elle ordena a construcção de uma casa de campo juncto do castello de Saint-Ouen. Os terrenos são comprados, o pavilhão é

edificado, os jardins são plantados com um gosto exquisito, os moveis são de uma t. l. sumptuosidade que uma rainha poderia habitar este palacio ou antes este templo de fadas de que Luiz 18.º fez presente a madama Du Cayla. Tantos beneficios e tantas galantarias, tem feito nascer devidas nas pessoas menos dispostas a maos pensamentos

Luiz 18.º acabava de morrer, quando madama Du Cayla, que reclamava judicialmente a separação de seu marido, obteve da côrte de Rouen um decreto favoravel a seus desejos.

Madama Du Cayla não foi mais que valida de Luiz 18.º nós admitimos; mas confessar-se-ha que se se tratasse de outro principe, uma valida tão constantemente feliz poderia voluntariamente passar por uma amante.

FIM.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).